



UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM/MS

CURSO DE LETRAS

RAMONA APARECIDA OLIVEIRA MATTOS

**O DISCURSO EM TORNO DAS FAMÍLIAS PLURAIS BRASILEIRAS:
SUJEITOS, POSIÇÕES-SUJEITO, FORMAÇÕES DISCURSIVAS E
EFEITOS DE SENTIDO**

Jardim – MS

2018



RAMONA APARECIDA OLIVEIRA MATTOS

**O DISCURSO EM TORNO DAS FAMÍLIAS PLURAIS BRASILEIRAS:
SUJEITOS, POSIÇÕES-SUJEITO, FORMAÇÕES DISCURSIVAS E
EFEITOS DE SENTIDO**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras, Habilitação Português – Inglês, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Rosemere de Almeida Agüero**

JARDIM - MS

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

MATTOS, Ramona Aparecida Oliveira

O discurso em torno das famílias plurais brasileiras: sujeitos, posições-sujeito, formações discursivas e efeitos de sentido / Ramona Aparecida Oliveira Mattos. Jardim: UEMS, 2018.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português – Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Famílias Plurais, Sujeitos, Posições-Sujeito, Formações Discursivas, Efeitos de Sentido

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) a permissão para publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando –se a autoria do trabalho.

RAMONA APARECIDA OLIVEIRA MATTOS

Jardim / MS, 2018



CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO POTUGUÊS / INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
RAMONA APARECIDA OLIVEIRA MATTOS

**O DISCURSO EM TORNO DAS FAMÍLIAS PLURAIS BRASILEIRAS:
SUJEITOS, POSIÇÕES-SUJEITO, FORMAÇÕES DISCURSIVAS E
EFEITOS DE SENTIDO**

APROVADO EM: _____/_____/_____

Orientadora: **Prof^ª Dr^a Rosemere de Almeida Agüero – UEMS**

Prof. Dr. Anailton de Souza Gama

Prof. Dr. Alexandre Luís Gonzaga

Dedico, em especial, a minha mãe, Marileide Brun de Oliveira, que sempre me incentivou a estudar e é o exemplo de força e coragem e aos demais familiares que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que se faz presente sempre em minha vida, me abençoando, até o momento, com saúde, força, persistência e determinação.

Aos meus pais, Marileide e Ramão, pelo incentivo nas horas difíceis, preocupados comigo e com minha formação intelectual e moral.

Ao meu amado esposo Mário pelo apoio nos momentos cruciais, me fazendo acreditar que sou capaz quando estava a ponto de desistir.

Aos meus filhos, João Victor e Miguel Henrique, que sempre me fizeram superar as dificuldades encontradas ao longo do Curso.

Aos meus queridos professores da UEMS – Unidade de Jardim, pela aprendizagem ao longo destes quatro anos, pela persistência, estímulo e por crerem na minha competência e jamais me abandonarem. A palavra mestre nunca será suficiente para reconhecer os professores dedicados aos quais, sem nominar, terão o meu eterno agradecimento.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Rosemere de Almeida Agüero, por colaborar para o meu crescimento intelectual e pela imensa paciência nas suas orientações que contribuíram muito para este Trabalho de Conclusão de Curso.

Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (PÊCHEUX, ([1975] 1988, p. 133).

RESUMO

Este estudo analisa questões como o *sujeito*, *formações-discursivas (FD)*, *posições-sujeito (PS)* e *efeitos de sentido* instaurados em discursividades recortadas de discursos jornalísticos, cuja temática trata de famílias plurais brasileiras. Buscaremos responder as seguintes questões: *Quais são os tipos de família denominadas como plurais, na sociedade brasileira? Em quais formações discursivas se inscrevem os sujeitos identificados a essas famílias plurais? As discursividades enunciadas por/sobre esses sujeitos os inscrevem em quais posições-sujeito? Os efeitos de sentido instaurados nas discursividades desses sujeitos são positivos ou negativos, no âmbito da FD com a qual se identificam?* A discussão dessa temática é relevante na medida em que a família plural vem se tornando alvo de discursos diversos, veiculados na mídia nacional. As análises são feitas pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa (AD), na perspectiva de Michel Pêcheux. O *corpus* é constituído por recortes de arquivos jornalísticos, analisados de acordo com procedimentos propostos por Pêcheux e Orlandi, com as perguntas de pesquisa a serem respondidas, a fim de evidenciar as FD com as quais os sujeitos se identificam, as posições-sujeito que perpassam seus discursos e os efeitos de sentido instaurados. As análises evidenciaram a existência de 7 (sete) FD e posições-sujeito distintas (PS1 e PS2) que se alternam nos discursos recortados. A existência de posições-sujeito distintas em uma mesma FD demonstra que as FD não são espaços fechados, mas que podem ser atravessadas por discursos provenientes de outras FD ou por posições-sujeito antagônicas que portam diferentes saberes.

Palavras-chave: 1. Famílias Plurais; 2. Sujeitos; 3. Posições-Sujeito; 4. Formações Discursivas; 5. Efeitos de Sentido

ABSTRACT

This study analyzes issues such as the subject, formations-discursive (FD), subject-positions (PS) and effects of meaning established in discursive discourses of journalistic discourses, whose theme deals with Brazilian plural families. We will try to answer the following questions: What types of family are called plural in Brazilian society? In what discursive formations are the subjects identified to these plural families inscribed? The discursiveness enunciated by / on these subjects inscribes them in which subject positions? Are the effects of sense introduced in the discursiveness of these subjects positive or negative, within the scope of the FD with which they identify? The discussion of this theme is relevant to the extent that the plural family has become the target of diverse discourses, transmitted in the national media. The analyzes are made by the French Speech Analysis (AD) bias, from Michel Pêcheux's perspective. The corpus consists of clippings of journalistic files, analyzed according to procedures proposed by Pêcheux and Orlandi, with the research questions to be answered, in order to highlight the FD with which the subjects are identified, the subject positions that pass their speeches and the effects of meaning introduced. The analyzes showed the existence of 7 (seven) FD and distinct subject positions (PS1 and PS2) that alternate in the cut discourses. The existence of different subject positions in the same FD demonstrates that FD are not closed spaces, but can be crossed by discourses from other FDs or antagonistic subject positions that carry different knowledge.

Keywords: 1. Plural Families; 2. Subjects; 3. Positions-Subject; 4. Discursive Formation; 5. Effects of Meaning

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO SOBRE A FAMÍLIA: A HISTÓRIA SOCIAL DA FAMÍLIA	
1.1 A Família na Europa da Idade Média.....	15
1.2 A Família Moderna.....	17
1.3 A Família Patriarcal no Brasil e suas Transformações.....	18
1.4 A Família Moderna no Brasil.....	19
1.5 As famílias Plurais do Século XX.....	20
1.5.1 Família Matrimonial.....	22
1.5.2 Família Informal ou União estável.....	23
1.5.3 Família Homoafetiva.....	23
1.5.4 Família Monoparental.....	24
1.5.5 Família Anaparental.....	25
1.5.6 Família Pluriparental.....	26
1.5.7 Família Paralela.....	26
1.5.8 Família Eudemonista.....	27
CAPÍTULO II	
ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO EM TORNO DAS FAMÍLIAS PLURAIS BRASILEIRAS	
2.1 A Aparecimento e Admissões Teóricas da AD.....	28
2.2 O Sujeito para a AD.....	30
2.3 Sujeito e Formações Discursivas (FD) no Discurso Jornalístico sobre as Famílias Plurais Brasileiras.....	31
2.4 Posições – sujeito e Efeitos de Sentido.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
ANEXO	54

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Individuação das Formações Discursivas (FD).....	36
Quadro 2: Formações Discursivas (FD) Individuadas.....	37
Quadro 3: Posições-sujeito Identificadas à FD1.....	38
Quadro 4: Efeitos de Sentido Instaurados na FD1.....	39
Quadro 5: Posição-sujeito Identificada à FD2.....	40
Quadro 6: Efeitos de Sentido instaurados na FD2.....	41
Quadro 7: Posições-sujeito Identificadas à FD3.....	41
Quadro 8: Efeitos de Sentido Instaurados na FD3.....	42
Quadro 9: Posição-sujeito Identificada à FD4.....	43
Quadro 10: Efeitos de Sentido Instaurados na FD4.....	43
Quadro 11: Posição-sujeito Identificada à FD5.....	44
Quadro 12: Efeitos de Sentido Instaurados na FD5.....	44
Quadro 13: Posição-sujeito identificada à FD6 que migra para à FD3.....	44
Quadro 14: Efeitos de sentido Instaurados pelo Sujeito Identificado à FD6 que Migra para a FD3	47
Quadro 15: Posição-sujeito Identificada à FD7.....	47
Quadro 16: Efeitos de Sentido Instaurados pelo Sujeito Identificado à FD7.....	47

LISTA DE SIGLAS

AD- Análise de Discurso de Linha Francesa

AAD-69 – Análise Automática do Discurso

FD- Formação Discursiva

PS- Posição – sujeito

SD- Sequência Discursiva

STF- Supremo Tribunal Federal

INTRODUÇÃO

Neste trabalho que toma por base o aporte teórico da Análise do Discurso de linha Pecheutiana (AD), é proposta uma análise aos diversos discursos entorno de famílias plurais. Assim o objetivo deste trabalho é analisar questões como o *sujeito*, *formações-discursivas* (FD), *posições-sujeito* (PS) e *efeitos de sentido* instaurados em discursos recortados de arquivos jornalísticos, cuja temática trata das famílias plurais brasileiras.

A opção pelo estudo do tema deve-se ao fato de que, na contemporaneidade, o discurso construído em torno dos diferentes tipos de famílias brasileiras vem ganhando espaço, na sociedade pelo viés da mídia, provocando mudanças que trazem consigo conceitos, informações e questionamentos associados às muitas famílias existentes, visando mostrar as alterações familiares ao longo do tempo e, principalmente, apresentar os novos modelos de entidades familiares reconhecidas perante a Constituição Federal.

Essas discursividades atravessam a sociedade, difundindo conceitos e veiculando informações responsáveis pela construção de boa parte do imaginário do povo brasileiro sobre as famílias plurais.

Da primeira denominação de família encontrada nos escritos da Roma Antiga até os diferentes sentidos do termo, compreendidos na sociedade brasileira do século XXI, principalmente após a promulgação da Constituição de 1988, muitas modificações ocorreram, perfazendo uma verdadeira trajetória histórica em torno do tema. Conhecer essa trajetória ou as condições de produção da emergência e das transformações do conceito de família, mesmo que seja por meio de um breve percurso histórico, é importante neste estudo, pois ajuda a explicar os sentidos que atravessam a sociedade brasileira em torno da denominação, neste século.

Deste modo, o estudo da temática *família* configura-se como um espaço privilegiado para a pesquisa em AD, pois os discursos analisados revelam não apenas os dramas cotidianos, mas também distintos efeitos de sentido e posições-sujeito que atravessam as formações discursivas nas quais se inscrevem os sujeitos.

Tomando por base as questões apontadas, buscamos responder as seguintes perguntas de pesquisa: *Quais são os tipos de família denominados como plurais na sociedade brasileira? Em quais formações discursivas se inscrevem os sujeitos identificados a essas famílias plurais? As discursividades enunciadas por/sobre esses*

sujeitos os inscrevem em quais posições-sujeito? Os efeitos de sentido instaurados nas discursividades desses sujeitos são positivos ou negativos, no âmbito da FD com a qual se identificam?

Para responder estas questões são analisadas 15 sequências discursivas (SD) recortadas de diversos meios midiáticos, tais como dos *blogs* "Coluna limite global", "Noticiário do Fantástico da TV Globo", "Uma mãe arábias" , Samuel Malafaia", "Do UOL", "GAASP-Grupo de Apoio a Adoção", jornais "A gazeta", "BBC- Brasil" e revistas eletrônicas "Época", "Metrópole-RAC", "Saúde plena", "Vila Mulher". O *corpus* mencionado é analisado pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa, AD, na perspectiva dos estudos de Michel Pêcheux.

Segundo Pêcheux (1975, p.133), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia e a ideologia se manifesta através da Formação Discursiva (FD) com a qual o sujeito se identifica. Considerando esta definição, o presente trabalho toma a formação discursiva (FD) como noção central e a partir das tomadas de posição da analista. Individua as formações discursivas com as quais se identificam os sujeitos discursivos, antes de analisar os efeitos de sentido que atravessam seus discursos. Foram analisados, então, discursos produzidos no âmbito da formação discursiva. Assim, o trabalho de análise parte da individuação das FD, prosseguindo para a análise dos efeitos de sentido e das posições-sujeito, a de posição sujeito. De acordo com a seguinte metodologia:

1. Individuamos as formações discursivas as quais se identificavam os sujeitos das discursividades analisadas;
2. Identificamos as posições-sujeito que atravessavam essas discursividades, situando-as positiva e negativamente em relação à forma-sujeito da FD;
3. Observamos os efeitos de sentido instaurados nessas discursividades.

O trabalho está estruturado em dois capítulos:

No primeiro capítulo tratamos das "condições de produção do discurso sobre a família: a história social da família" traçando a historiografia da família, sua evolução e modificação até chegar ao século XXI.

No segundo capítulo intitulado Análise do Discurso Jornalístico em torno das Famílias plurais Brasileiras discorreremos sobre o acontecimento histórico da Análise do Discurso (AD), apontando as suas admissões teóricas. Em seguida, trataremos do sujeito, nas 3 fases da AD e, por fim, analisamos o *corpus* discursivo.

Esperamos contribuir para lançar novas luzes à questão do sujeito e dos sentidos.

CAPÍTULO I

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO SOBRE A FAMÍLIA: A HISTÓRIA SOCIAL DA FAMÍLIA

A certeza que aparece [...] no fim desse debate é que a *memória* não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização (PÊCHEUX, 2010, p. 56)

Segundo Azevedo (2008, p. 11) a denominação família surgiu na Roma Antiga, no século VIII a.C. Derivada do latim *famulus* (escravo doméstico) a designação era utilizada para denominar todos os bens de um cidadão romano, incluindo-se os seus parentes e escravos.

Muitos séculos depois, o dicionarista Houaiss (2002), com o intuito de contemplar a diversidade existente hoje, na constituição familiar, traz a definição do verbete *família* como “o núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantém entre si uma relação solidária” (HOUAISS, 2002, p. 48).

Da primeira definição de família encontrada nos escritos da Roma Antiga, até a descrição do termo, na perspectiva de Houaiss, muitas modificações ocorreram no cotidiano familiar perfazendo uma verdadeira trajetória histórica. É sobre essas questões que trataremos neste capítulo.

Embora não tenhamos a pretensão de traçar um quadro minucioso da trajetória da família no mundo, o percurso que desenvolveremos nas próximas seções é histórico. Deste modo, iniciamos mostrando o cotidiano das famílias na Idade Média avançando, em seguida, para o modelo de família na Idade Moderna enfatizando, posteriormente, a família patriarcal no Brasil e sua evolução até o século XX. Nesse percurso histórico apontamos a evolução do conceito de família, ao longo do tempo, tanto no aspecto da importância social, quanto nos hábitos familiares. É, portanto, sobre essas questões que tratam as seções que se seguem.

1.1 A FAMÍLIA NA EUROPA DA IDADE MÉDIA

De acordo com Ariès (2003, p. 133-9) as primeiras impressões de relatos sobre a família datam do século XV e encontram-se registradas em um texto italiano que descrevia como era o sistema educacional e o cotidiano da família medieval daquela época.

Segundo Ariès (*Idem*, p. 154), há poucos documentos que registram o cotidiano da família medieval. Um desses poucos relatos foi escrito pelo historiador inglês Furnival, retirado do texto italiano do século XV, mencionado, que trata, superficialmente, das relações familiares na Inglaterra. Em um trecho do texto, o historiador menciona que o casamento era uma forma de contrato, oficializado entre as famílias. Assim, ao nascer a criança era predestinada ao seu futuro marido e o casamento era oficializado quando a criança completava 14 ou 15 anos de idade. A maioria dos casamentos arranjados era por motivo de herança e acúmulo de bens com intenção de manter a ou adquirir fortuna familiar. Na época, também existiam os matrimônios realizados por amor que, normalmente, aconteciam entre indivíduos pertencentes à nobreza. Esses casamentos tinham, muitas vezes, lugar nos castelos, onde eram realizadas grandes festas com vários entretenimentos e comidas em abundância. Neste dia de cerimônia, as famílias de classes sociais mais baixas vinham de longe para desfrutar dos banquetes.

O texto italiano menciona, também, como acontecia a criação da criança na Idade Média. De acordo com o texto, a educação dos filhos era iniciada na esfera familiar de nascimento onde a criança permanecia até os 7 ou 8 anos de idade. Após essa idade a criança era destinada a outra família e lá permanecia até completar 15 ou 18 anos, pois o pensamento comum era que crianças inseridas em outras esferas familiares apreendiam melhor os ofícios domésticos. Na opinião de Ariès (*Idem*), o modo como os ingleses tratavam os filhos era desumano e a prática da troca de filhos, comum na Idade Média, acontecia porque as famílias inglesas usavam os filhos dos outros como serviçais.

Ao ser inserida na nova família a criança tinha diversas obrigações, entre elas a de aprender a servir. Ariès (2003, p. 156) observa que “Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança, não ao seu filho, mas, de outro homem, a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir.” O modelo de educação da época era baseado, portanto, na prática de serviços domésticos, cabendo ao tutor prover o aprendiz dos conhecimentos que dominava. Desse modo, se o tutor tinha habilidade com a caça, transmitia esses conhecimentos, de forma prática, ao seu aprendiz e este constituía o modelo de educação da época.

O início dessa prática era bastante frequente e perdurou por muito tempo, conforme pode-se verificar em um texto escrito pelo autor Guignonet Duby, datado de 1868 (*apud* ARIÈS, 2003, p. 157) no qual há menção a uma família de Mâconnais que deixa

seus filhos mais novos aos cuidados do mais velho para que este os ensine os serviços domésticos.

Nessas *condições de produção*¹, a família medieval era caracterizada por uma singular combinação de moralidade e de falta de valor sentimental. Nas famílias pobres era raro existirem sentimentos de apego porque, na maioria das vezes, as crianças não retornavam ao seu lar, adquirindo uma nova linhagem ou seguindo outros caminhos. Nas famílias ricas o afeto girava em torno do reconhecimento, cuidado com a linhagem, prosperidade da herança e pela necessidade de manter o nome do clã (*Idem*, 2003, p. 158 - 9).

Com o passar do tempo, as relações familiares foram se modificando, conforme veremos na próxima seção em que trataremos da família Moderna.

1.2 A FAMÍLIA MODERNA

Entre o século XVI e XVII as famílias mais abastadas costumavam registrar seus membros contratando artistas para retratá-los em quadros pintados sempre de maneira muito pitoresca, consistindo no pai posicionado em pé, ao lado da mãe, sentada numa cadeira, com a criança no colo. Os registros dessas imagens funcionavam como documentos da própria história familiar, assim como hoje seriam os álbuns de família, configurando-se como uma espécie de lembrança do antes e do depois.

Nos meados do século XVII a descrição do cotidiano familiar era registrada também em diários que guardavam os principais episódios domésticos como, por exemplo, os nascimentos e as mortes de parentes. As pessoas, naquela época, tinham a necessidade de relembrar os fatos ocorridos na vida familiar e essa forma de *memória*² difundiu-se para diversos países europeus como Alsácia (na França), Suíça e Áustria.

Ariès (*Idem*, p. 159 - 0) menciona que durante os séculos XVII e XVIII os registros do cotidiano familiar começaram a ser aprimorados, distanciando-se daquele primeiro modelo medieval em que a educação familiar se baseava no distanciamento dos filhos, inseridos em outras famílias. Esse avanço deveu-se muito à evolução do Ensino que passou a ser ministrado em colégios e também devido à necessidade de se manter os filhos mais próximos. A partir dessas necessidades, as famílias modernas do século XVII começaram a mudar seus hábitos. A educação passou, assim, a ser ministrada em escolas e

¹ Os valores e costumes das famílias na idade média.

os jovens começaram a conviver mais tempo com os pais biológicos, gerando um vínculo maior de afetividade entre ambos.

Para Ariès (2003):

Essa evolução correspondeu a uma necessidade nova de rigor moral da parte dos educadores, a uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva, a um desejo de treiná-la para melhor resistir as tentações dos adultos. Mas ela correspondeu também a uma preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais perto deles e de não abandoná-los mais, mesmo temporariamente, aos cuidados de uma outra família (ARIÈS, 2003, p. 159).

Apesar de ainda permanecerem afastados pelo curto espaço de tempo em que permaneciam nos colégios, esse distanciamento em nada lembrava o antigo modo de educação medieval. O retorno ao seio familiar reforçava o vínculo afetivo entre pais e filhos, fazendo com que houvesse mais preocupação referente à educação, carreira e futuro dos entes familiares, respaldada pelos colégios e pelo aumento de instituições de ensino e outras formas de acesso social.

Na seção que se segue passaremos a tratar dos modelos de família no Brasil.

1.3 A FAMÍLIA PATRIARCAL NO BRASIL E SUAS TRANSFORMAÇÕES

No Brasil o primeiro modelo de constituição familiar foi o patriarcal.

Logo no primeiro século da colonização brasileira (século XVI) as famílias patriarcais constituíam-se naquelas que residiam em área rural, tendo como ponto de referência um vasto grupo familiar, com o domínio do núcleo conjugal e dos clãs parentais, compostos não apenas pelo marido, mulher e filhos, mas pelos escravos, parentes, afilhados, amantes e filhos tidos fora do casamento. Tudo articulava-se em torno do poder centralizador daquele que era o chefe, o qual dava as ordens e os demais obedeciam.

Segundo Teruya (2000) a casa grande, característica das áreas rurais brasileiras, era tida como símbolo de fortaleza que congregava

[...] extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob autoridade do patriarca, dono das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político. Ainda se caracterizaria por traços tais como: baixa mobilidade social e geográfica, alta taxa de fertilidade e manutenção dos laços de parentesco com colaterais e ascendentes, tratando-se de um grupo multifuncional (TERUYA, 2000, p. 3).

Desse modo, o poder central definidor da família era mantido por seu administrador e não tinha importância alguma os modos e pensamentos que não fossem condizentes às suas ordens, uma vez que, como patriarca, era o detentor do poder absoluto. A família patriarcal coexistia, assim, em torno da figura paterna. Crianças e mulheres não passavam de criaturas insignificantes e atemorizadas, tendo como maior anseio agradar aquele a quem chamavam de *senhor*.

Também dentro desse modelo patriarcal, desenvolveu-se o costume da *primogenitura*, tradição em que o filho mais velho herdava todas as propriedades e terras do pai, assim como o direito de ser chefe da família. Caso a família tivesse mais de um filho, os demais eram conduzidos aos estudos para se formarem médicos, advogados ou mesmo padres, caso sua formação fosse religiosa (COTRIM, 2005, p. 54). No caso das filhas, na maioria das vezes, eram encaminhadas aos conventos onde aprendiam a ler, escrever e recebiam instruções de canto e bordados. Ao retornarem para casa, caso ficassem solteiras, a família deixaria um dote em dinheiro, escravos ou outros bens, que seriam entregues ao convento que conduziria a jovem na vida religiosa (*Idem*).

Teruya (2000, p. 4) menciona que grande parte dos teóricos acredita que o poder das famílias patriarcais decorria da dificuldade de acesso e vistorias do Governo Imperial à Colônia, fazendo com que muitos proprietários de terras impusessem suas ordens aos demais residentes da localidade (filhos, parentes, escravos, mulheres, dentre outros).

A partir do momento em que o Estado começou a assumir o papel de legislador das relações familiares o poder patriarcal foi diminuindo, ocasionando alterações profundas no modelo familiar.

Na seção que se segue trataremos dessas modificações dos modelos de família, no Brasil.

1.4 A FAMÍLIA MODERNA NO BRASIL

A família moderna do início do século XIX, no Brasil, foi marcada pelas transformações no ambiente familiar. Essas mudanças trouxeram consigo uma modificação no contexto da sociedade, agenciadas, principalmente, pelo aumento de instituições de ensino e outras formas de ascensão social.

O processo de industrialização, no Brasil, deslocou as famílias do campo para o ambiente urbano em busca de mercado de trabalho nas indústrias. Essas famílias, antes somente patriarcais, passaram a ter uma nova configuração pelo fato de a mulher passar a

atuar no mercado de trabalho. Deste modo, as mulheres começaram a contribuir na manutenção da casa, desenhando um novo modelo de família caracterizado pela maior autonomia feminina e pela libertação dos laços de submissão ao marido. Goode (1969, p. 9 *apud* TERUYA, 2000, p. 15), observa que:

[...] as relações entre industrialização e família são complexas e dependem de um conjunto maior de circunstâncias e fatores que são, além de econômicos, também culturais e circunstanciais. Porém, [...] a família conjugal emerge onde as forças sociais da industrialização e urbanização vão se manifestando.

As transformações na família, no período industrial, ocorreram em vários sentidos; entretanto, aconteceram de modo lento e gradual. Embora nessa mudança a mulher tenha ganho mais liberdade, ela ainda continuou sendo subjugada pelo marido em decorrência da moral patriarcal, do tabu da virgindade, da diferença salarial, entre outros fatores. Todos estes aspectos permaneceram ainda muito fortes na sociedade que, embora defendesse a igualdade para todos, continuou a estipular ideias patriarcais muito presentes até os dias de hoje. Trataremos deste assunto na próxima seção.

1.5 AS FAMÍLIAS PLURAIS DO SÉCULO XX

Nos meados do século XX, com o avanço da industrialização e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, instaura-se uma nova redefinição do conceito de família antes pautada somente na união do homem e da mulher.

Segundo Venosa (2005, p. 2), tais mudanças começaram a partir do distanciamento das famílias com a igreja, a qual tinha o casamento como um laço indissolúvel. Deste modo, a partir do século XX a sociedade passou a ter um olhar diferenciado em relação às relações familiares, com base nos preceitos estipulados principalmente pelo art. 226 da Constituição de 1988 que reconheceu outras formas de convívio sob a nomenclatura de família.

A Constituição de 1988 deu amparo aos direitos da família, instituindo princípios e regras que visavam a melhoria das entidades familiares no que dizia respeito ao cumprimento das relações de afetividade, respeito, dignidade e acolhimento. A constituição do Direito de Família imprimiu um avanço na compreensão da harmonia e da igualdade entre os indivíduos, coibindo interpretações diferenciadas dos direitos de

homens, mulheres e, principalmente, dos filhos tidos dentro ou fora da união civil. No que se refere aos direitos das famílias Oliveira (2002, p. 91) salienta que

A Constituição Federal reconheceu uma evolução que já estava latente na sociedade brasileira. Não foi a partir dela que toda a mudança da família ocorreu. Constitucionalizaram valores que estavam impregnados e disseminados no seio da sociedade. O texto constitucional de 1988 contemplou e abrigou uma evolução fática anterior de família e do direito de família que estava represado na doutrina e na jurisprudência.

Para Dias (2010, p. 57 - 8), a Constituição Federal brasileira foi e é uma das mais importantes leis criadas no século XX porque, a partir dela, as diversas famílias existentes passaram a ter seus direitos e deveres reconhecidos pela sociedade. O autor (*Idem*, p. 62) ressalta, ainda, que a Constituição de 1988 enfatizou o princípio da dignidade da pessoa humana como a origem de todos os outros princípios existentes no documento, convocando o indivíduo a exercer sua autonomia em busca de um ideal e garantindo o direito ao pleno desenvolvimento de todos os membros da entidade familiar.

Conforme Dias (2010), a partir da Constituição Federal de 1988

O pluralismo das relações familiares – outro vértice da nova ordem jurídica – ocasionou mudanças na própria estrutura da sociedade. Rompeu-se o aprisionamento da família nos moldes restritos do casamento, mudando profundamente o conceito de família. A consagração da igualdade, o reconhecimento da existência de outras estruturas de convívio, a liberdade de reconhecer filhos havidos fora do casamento operaram verdadeira transformação na família (DIAS, 2010, p. 40).

Assim, a partir da Constituição de 1988, a referência de família experimentada nos séculos anteriores foi definitivamente abandonada, dando lugar a novos modelos que são acolhidos no Brasil.

As mudanças nas famílias continuaram a acontecer nas décadas que se seguiram, instaurando reflexões como a de Amas (1995, p. 12) para quem “As análises sobre a família na sociedade atual constituem um mosaico que reflete os diferentes significados que essa instituição, tão básica quanto complexa, pode assumir”.

O novo modelo de família, a partir da Constituição de 1988, passa a ser fundamentado em alguns pilares, dentre os quais o da *personalização* que tem como base a personalidade do indivíduo que traz consigo traços únicos e o da *afetividade* sustentado pelos laços afetivos mútuos. Esses pilares apontam para uma nova visão em relação ao direito de família.

Conforme Dias (2010, p. 39), o modelo de família tradicional, pensado na relação existente entre um homem e uma mulher unidos pelo casamento e cercado de filhos, se modifica dando lugar a novos modelos de constituição familiar.

Nas subseções que se seguem passaremos a tratar das diferentes variedades de família sustentadas pelos fundamentos do pluralismo e da liberdade.

1.5.1 FAMÍLIA MATRIMONIAL

Esta modalidade de família era a única existente até 1988, sendo conceituada como aquela proveniente do casamento contraído por vontade própria, sendo proibido o matrimônio realizado mediante coação. A união amparava-se no Código Civil brasileiro, que em seu artigo 1.514 ilustrava que “[...] o casamento se realiza no momento em que o homem e a mulher manifestam, perante o juiz, a sua vontade de estabelecer vínculo conjugal, e o juiz os declara casados”. O artigo 1.566, do Código Civil brasileiro, apontava, ainda, os direitos e deveres de ambos os cônjuges, restritos à fidelidade recíproca, vida em comum, no domicílio conjugal, mútua assistência, sustento, guarda e educação dos filhos, respeito e consideração mútua. Deste modo, o casamento era um ato solene, celebrado entre pessoas de sexo diferente, que se uniam sob a promessa de fidelidade e amor recíproco.

De acordo com Viana (2010, p. 2):

Hoje a família não decorre somente do casamento civil e nem é concebida exclusivamente como união duradoura entre homem e mulher. Por força do disposto no parágrafo 4º do artigo 226, da Constituição Federal, a família é concebida, na sua noção mínima, como a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes, abrangendo, também, as outras formas de entidade familiar, como aquela decorrente do casamento civil, do casamento religioso e da união estável entre o homem e a mulher, nos termos dos outros dispositivos contidos no artigo 226.

Neste mesmo sentido, Maluf (2011, p. 5) ressalta que:

Na evolução histórica da família, além da família tradicional, formada pelo casamento, a introdução de novos costumes e valores, a internacionalização dos direitos humanos, a globalização, o respeito do ser humano, tendo em vista sua dignidade e os direitos inerentes à sua personalidade, impôs o reconhecimento de novas modalidades de família.

Essas novas relações familiares, de acordo com o autor citado, não devem buscar nada mais que o afeto e a felicidade entre seus componentes.

1.5.2 FAMÍLIA INFORMAL OU UNIÃO ESTÁVEL

A *União Estável* é uma modalidade familiar informal reconhecida constitucionalmente. De acordo com o art. 226, da Constituição Federal de 1988:

Art. 226. A família base da sociedade, tem especial proteção do Estado. [...] § 3º. Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, p. 128)

Família informal ou estável é, portanto, uma união não passageira, mas sim estável, existente entre pessoas unidas sobre um vínculo de afinidade, sem nenhuma formalidade para tanto. Diferencia-se da relação contida no concubinato, por haver impedimento de selar a união de ambos. Não há, portanto, uma celebração formal do casamento, mas são reconhecidos pela sociedade como casados. Em vista disso, surge entre ambos um sentido de respeito e lealdade recíproca.

1.5.3 FAMÍLIA HOMOAFETIVA

Por união *homoafetiva* compreende-se uma família composta por pessoas do mesmo sexo que se unem por laços afetivos.

A temática da união homoafetiva vinha provocando uma série de discussões e interpretações divergentes no âmbito da sociedade brasileira. A falta de um posicionamento a respeito das uniões homoafetivas, tanto na Constituição Federal de 1988 quanto no Código Civil de 2002, contribuiu muito para acirrar o debate e deu margem a diversas interpretações. A Constituição Federal de 1988, em seu § 3º do art. 226, reconhece apenas a união estável entre o homem e a mulher como família, constituída a partir do casamento. Isto serviu de argumento para muitas pessoas afirmarem que os homossexuais jamais teriam direito à união estável, a não ser que houvesse uma reforma da Constituição.

Em maio de 2011, entretanto, o Supremo Tribunal Federal (STF) finalmente reconheceu a união homoafetiva como entidade familiar, consolidando esse tipo de relação como união estável. Deste modo, os casais homossexuais passaram a ter os mesmos direitos dos heterossexuais, tais como direito de comunhão parcial de bens, à pensão

alimentícia no caso de separação, à pensão do INSS em caso da morte do parceiro, a colocar o companheiro como dependente em Planos de Saúde, mencionar o parceiro como dependente ao declarar o Imposto de Renda, a adotar crianças, dentre outros.

Apesar de estarmos no século XXI e vivermos em um país laico, onde se prega a liberdade e igualdade, ainda existe um grande preconceito na aceitação da família homoafetiva, devido ainda existir um entrelaçamento entre os valores da sociedade e aqueles pregados pela religião. Entretanto, a própria Constituição Federal convida a abandonar alguns estigmas quando propõe leis que protegem a dignidade do cidadão. É o que observa Guimarães (*apud* BRITO, 2000, p. 52-53):

Entre os princípios fundamentais que regem a sociedade brasileira, contida nos primeiros artigos da Constituição Federal, estão as normas que protegem a dignidade da pessoa humana, a busca de uma sociedade livre, justa e solidária, a erradicação da marginalização dos indivíduos e a promoção do bem-estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

A partir da decisão do STF mencionada, a estigmatização da união homossexual na sociedade brasileira não pode mais ser tolerada, pois a família homoafetiva é uma realidade em nossa sociedade e deve ser respeitada.

Tal necessidade se faz pelo fato de que essa entidade familiar é constituída, tanto quanto as outras, pelo afeto, carinho, respeito e solidariedade entre seus membros. Vianna (2010, p. 17) ressalta que “O afeto, enquanto característica inata dos seres humanos, é mais do que uma garantia constitucional, é um direito natural do homem”. Portanto, onde houver uma união de pessoas ligadas por laços afetivos, haverá família.

A orientação sexual do sujeito é parte da sua própria natureza. Neste sentido, impedir ou inibir a orientação sexual da pessoa humana significa prejudicar o princípio da liberdade consagrada na Constituição.

1.5.4 FAMÍLIA MONOPARENTAL

Na sociedade moderna, diversos fatores contribuíram para o aparecimento da família *monoparental*. Dentre esses fatores podemos apontar a inseminação artificial, a adoção, a viuvez e o divórcio. Esse modelo de família envolve uma pessoa adulta, homem ou mulher, responsável por uma ou mais crianças.

A família monoparental é composta por filhos que moram com apenas um dos pais, ou seja, trata-se de um processo de adoção unilateral que resulta de viuvez, divórcio, não reconhecimento da prole, entre outras causas. Nesse grupo familiar encontramos famílias chefiadas por homens e mulheres, pai desenvolvendo função e papel da mãe ou constituída por mãe que adota, ocorrendo uma junção aparente de filiação.

De acordo com Dias (2011, p. 47)

A adoção por pessoa solteira também faz surgir um vínculo monoparental. A inseminação artificial por mulher solteira ou a fecundação homóloga, após a morte do marido, são outros exemplos. A entidade familiar chefiada por algum parente que não um dos genitores, igualmente, constitui vínculo monoparental. Mesmo as estruturas de convívio constituídas por quem não seja parente, mas que tenha crianças ou adolescentes sob sua guarda, podem receber a mesma denominação. Basta haver diferença de gerações entre um de seus membros com os demais e que não haja relacionamento de ordem sexual entre eles para se ter configurada uma família monoparental.

No olhar de La Flor (2008, p. 4) “a família monoparental ou unipessoal é composta por apenas uma pessoa originária de uma separação, solteira, viúva ou divorciada, que mantém a casa e seus filhos por escolha ou necessidade.”

Segundo o artigo 226, da Constituição Federal de 1988, a família monoparental é “formada por qualquer dos pais e seus descendentes”. A formação deste tipo de família se dá pela vontade de um indivíduo de assumir a paternidade ou maternidade sem a participação de um companheiro.

1.5.5 FAMÍLIA ANAPARENTAL

Segundo Dias (2011, p. 48), a família *anaparental* ou *parental* decorre da junção do convívio entre entes familiares ou não, na qual conste um elo, que convivem embaixo do mesmo teto com intuito de proteção ou, até mesmo, de sobrevivência econômica. Assim sendo, é um modelo familiar que é capaz de adquirir as mais diferentes formas.

O convívio longo e duradouro entre dois irmãos que foram desamparados pelos pais ou que faleceram ou, até mesmo, duas amigas idosas que decidem viver juntas, partilhando suas aposentadorias, são modelos de família *anaparental*.

De fato, deve-se admitir que esta é uma espécie familiar bem diferente da concepção clássica de família e, obviamente, seria praticamente impossível conceber a sua existência jurídica antes da Constituição de 1988, no intuito de gerar os mesmos efeitos civis de uma família oriunda de um casamento.

La Flor (*apud* BARROS, 2000, p. 5) usa a expressão *cunhada* para descrever a família derivada da união com pessoas que possuem quaisquer graus de parentesco. Como exemplos de famílias anaparentais, podemos citar aquelas formadas por irmãos, vivendo sob o mesmo teto, tios, sobrinhos, avós e netos.

Dias (2011, p. 40) afirma, de forma redundante, que quaisquer agrupamentos de pessoas residindo sob o mesmo ambiente pode ser considerado uma entidade familiar.

1.5.6 FAMÍLIA PLURIPARENTAL

A família *pluriparental* resulta dos relacionamentos parentais que surgem devido ao aumento de desquites e divórcios. São famílias em que há uma ligação construída a partir de um ajuntamento ou união entre um homem e uma mulher que possuem filhos oriundos de outras relações. Esse tipo familiar se caracteriza pela existência de muitos descendentes, de ambas as partes dos cônjuges, criando um mosaico familiar sob o mesmo lar. Conforme Dias:

As famílias pluriparentais são caracterizadas pela estrutura complexa decorrente da multiplicidade de vínculos, ambiguidade das funções dos novos casais e forte grau de independência. A administração de interesses visando equilíbrio assume relevo indispensável à estabilidade das famílias (DIAS, 2010, p. 50).

Esta família possui traços peculiares e atuais para os dias de hoje, pelo fato de ser constituída por diversos integrantes provenientes de relacionamentos anteriores.

1.5.7 FAMÍLIA PARALELA

Segundo Dias (2011, p. 49), embora ainda não exista qualquer reconhecimento real da família paralela como uma instituição a ser abrigada pelo Estado, esse modelo não é novo, pelo contrário, já é a realidade em muitas residências brasileiras. O que é mais atual, e pode ser considerado como “novo”, é a procura pelo reconhecimento desse modelo como entidade familiar. As famílias paralelas, ainda que já existem há muito tempo, não são legitimamente amparadas, são escondidas na sociedade.

A família *paralela* é constituída por um sujeito que mantém respectivamente duas ou mais instituições familiares entre si, podendo se constituir por filhos de pais divorciados que nutrem vínculos afetivos e de coexistência com ambos; pessoa separada que compõe nova família, mediante casamento ou união estável, mas mantém vínculo com a prole resultante da primeira união, para citar apenas algumas situações possíveis. Não se trata

evidentemente de relacionamentos extraconjugais de curto período ou simples adultério, mas sim de uma união selada pelos laços do casamento ou consolidada como união estável.

Contudo, nesta família há duas formas de diferenciar o relacionamento: uma é chamada de *concubinato impuro* que consiste no conhecimento prévio de que o companheiro já possui uma família e há, portanto, a existência de uma barreira para uma união legal; e o outro é o chamado *concubinato puro*, em que o sujeito não tem conhecimento do empecilho do seu companheiro. Vale ressaltar que o *concubinato impuro* não é amparado pelo Direito de Família, pelo fato de ambos os envolvidos terem informações referentes ao impedimento conjugal de um deles, ou de ambos.

1.5.8 FAMÍLIA EUDEMONISTA

A família *Eudemonista* decorre da convivência entre pessoas unidas por laços afetivos e solidariedade mútua, como é o caso de amigos que vivem juntos, no mesmo lar, rateando despesas, compartilhando alegrias e tristezas, como se irmãos fossem, razão pela qual os juristas entendem por bem considerá-los como formadores de mais de um núcleo familiar.

Esse tipo de família se caracteriza por buscar a felicidade individual, vivendo um processo de emancipação de seus membros que procuram formas de realização própria e gratificação profissional, sem estar confinado a um núcleo familiar.

Segundo Welter (*apud* DIAS, 2011, p. 48) esta entidade familiar é caracterizada pela relação de afetividade presente entre seus membros. Na instituição atual deixa de ser um fim em si mesma, passando a ser um dispositivo da felicidade individual e libertação de seus integrantes.

No capítulo II, que se segue, passaremos à análise do nosso *corpus discursivo*.

CAPITULO II

ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO EM TORNO DAS FAMÍLIAS PLURAIS BRASILEIRAS

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. [...]. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. [...] prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2015, p.13).

No capítulo anterior discorreremos sobre a historiografia da família, da época medieval até este século. Neste capítulo passaremos a analisar algumas marcas presentes num *corpus discursivo*¹ constituído por 15 (quinze) sequências discursivas (SD) recortadas de revistas e *blogs* eletrônicos, publicados no Brasil, assim como de entrevistas selecionadas com diversos tipos de famílias (dentre os quais destacamos as revistas online *Saúde plena* 13/12/2015, *Crescer* janeiro 2007, *Metrópole-RAC* agosto 2009, *Vila Mulher*, *Época* 2015; Blog GAASP –*Grupo de Apoio a Adoção* São Paulo-escrito por Roberto de Oliveira 2006, Blogs do *Samuel Malafaia* 09/01/2015 ,Uma mãe arábias depoimento de Barbara saleh 25/04/2012, Noticiário do *Fantástico* da TV Globo 23/08/2015, Crossfit Barigui postado por Maurício Cervenka, 2010; Jornais *A gazeta* 26/11/2011, BBC- *Brasil* 9/04/2015, *UOL* 29/05/2013) buscando evidenciar os sujeitos, as formações discursivas (FD) com as quais se identificam, as posições-sujeito e os efeitos de sentido instaurados em seus discursos.

As análises do *corpus* serão empreendidas com base na Análise do Discurso de linha francesa (AD), a partir da voz teórica de Michel Pêcheux.

Iniciaremos o capítulo discorrendo sobre o acontecimento histórico da análise do discurso (AD), apontando as suas admissões teóricas. Em seguida falaremos sobre o sujeito nas 3 fases da AD e, por fim, passaremos às análises do *corpus* discursivo. Durante o processo de análise trataremos do sujeito, das formações discursivas em que se inscrevem e dos efeitos de sentido instaurados em seus discursos.

2.1 APARECIMENTO E ADMISSÕES TEÓRICAS DA AD.

Segundo Orlandi (2015, p. 14), a AD surgiu na década de 60, na conjuntura política e intelectual da França, sendo criada por Michel Pêcheux. A teoria surgiu no entremeio de três áreas do conhecimento: a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo. Entre

os grandes teóricos que contribuíram com essa nova modalidade de estudos estão Lacan, R. Barthes, L. Althusser, J. Kristeva, C. Lévi-Strauss, M. De Certeau, dentre outros.

A conjuntura política de 1969 levou muitos desses renomados autores a publicarem as primeiras obras voltadas para a área da AD, dentre eles destacamos Jean Dubois que publicou o artigo “Lexicologia e análise do enunciado” e Michel Pêcheux que escreveu “Análise Automática do Discurso”. Esta foi a obra inaugural de Michel Pêcheux, início de sua trajetória intelectual. Segundo Milanez e Santos (2009)

As duas obras são consideradas os marcos inaugurais desse campo do saber. Jean Dubois, de um lado, contribui com sua formação linguística em lexicologia e lexicografia; por outro lado, Pêcheux, como um “filósofo do marxismo”, traz sua influência de L. Althusser, bem como os diálogos que traça com a epistemologia, a psicanálise, a linguística e a filosofia – saberes incorporados por membros do grupo althusseriano, do qual Pêcheux participava. (MILANEZ E SANTOS, 2009, p. 8)

Através destas obras surge uma nova concepção de estudos, a qual visa um novo olhar em relação à língua em si. Segundo Milanez e Santos (2009)

Partindo do pressuposto de que as ideologias têm existência material, elas passam a ser estudadas não mais como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Trata-se do **materialismo histórico**: um importante pilar epistemológico sobre o qual se erigirá a Análise do Discurso. (MILANEZ E SANTOS, 2009, p. 8)

Gregolin (2003, p. 23), observa que a obra “Análise Automática do Discurso”, de autoria de Pêcheux, “inaugura uma abordagem transdisciplinar convocando uma teoria linguística, uma teoria da história e uma teoria do sujeito.”

De acordo com Orlandi (2015, p. 15), a Análise do Discurso não trata de gramática e muito menos de língua, embora ambas estejam entrelaçadas, mas fala do sujeito em si. A AD é uma disciplina de interpretação que parte do discurso do sujeito, aqui compreendido como produto da relação existente entre a história e a ideologia. O discurso é observatório ideal para se estudar as relações entre o sujeito, a história e a ideologia; é a materialidade simbólica por excelência para se investigar os mecanismos de produção dos sentidos que atravessam uma sociedade. Segundo Orlandi (2015):

Partindo da ideia de que a materialidade específica de ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua [a AD] trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Michel Pêcheux(1975), não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2015, p.15).

Para Pêcheux (*apud* MUSSALIM, 2005, p. 105)” nem os sentidos, nem os sujeitos, são individuais, ambos devem ser vistos como históricos e ideológicos”. Dessa

maneira, as condições que os discursos são esboçados devem ser consideradas, assim como as suas significações.

2.2 O SUJEITO PARA A AD.

Conhecedores da AD esclarecem que o sujeito da nossa época é configurado através do sujeito-jurídico ou do direito, diferente daquele sujeito da Idade Média que era assujeitado pela ideologia religiosa. Ou seja, os homens de hoje são dependentes das leis, enquanto que na Idade Média obedeciam à religião.

Aguero (2014, p. 89) afirma que a noção de sujeito, na teoria de Michel Pêcheux, modificou-se muito ao longo de sua trajetória. Ele observa que “desde sua primeira obra inaugural, intitulada *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) [a noção de sujeito] passou por três fases de construções e desconstruções, de acordo com a demarcação temporal sugerida pelo próprio Pêcheux, no texto de 1983”. Aguero (*Idem*) afirma que na primeira fase da AD, demarcada com a publicação de *Análise Automática do Discurso* (AAD-69):

[...] O paradigma cartesiano do *sujeito* como senhor de si, [...] é definitivamente deslocado na *teoria do discurso*. Embora Pêcheux tivesse em sua contemporaneidade um leque de grandes pensadores nos quais poderia se inspirar, é em torno das ideias de Althusser, ideólogo do Marxismo, que pensará o *sujeito* como um *efeito ideológico elementar* (AGUERO, 2014, p. 92)

Deste modo, na primeira fase da AD o sujeito é pensado como um efeito ideológico elementar, distante do sujeito do iluminismo centrado e senhor de si.

Segundo Orlandi (2015, p. 49), com as modificações no cenário social, o sujeito ganha novos ares, tendo mais liberdade e propriedade de si. Dessa maneira, cria-se uma ambiguidade em que o sujeito aparenta estar livre, mas a todo tempo é coibido pelas leis que o governam. A esta circunstância de sujeito ao mesmo tempo livre e subordinado, Pêcheux denomina de “assujeitamento”.

Milanez e Santos (2009, p. 11) observam que:

A maquinaria existente na vida social, produzia sentidos sob a forma de paráfrase [...] de forma que os sujeitos eram assujeitados a essas máquinas. Essa fase se caracteriza por apresentar um método que atua por etapas sobre um *corpus* fechado de sequências discursivas. Utiliza-se aqui uma álgebra discursiva que permite construir formalmente a estrutura geradora do processo associado ao *corpus*.

O segundo momento da AD, segundo Agüero (2014, p. 93) ocorre por volta de 1975 . Nesse ano, Pêcheux escreve a obra “Les vérités de la palice”, sendo traduzida para Língua Portuguesa como *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Em 1975, o teórico escreve também o artigo “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”, em conjunto com Catherine Fuchs. Neste artigo, Pêcheux irá resumir suas reflexões na seguinte tese: “[...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido ideológico discursivo segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...]” (PÊCHEUX, [1975], 2009, p. 146-7). Ainda, segundo Agüero (*Idem*), “Nesta fase em que os conceitos da AD estão mais desenvolvidos, Pêcheux irá associar essas *posições dos sujeitos às formações ideológicas e às formações discursivas*”.

Milanez e Santos (2009, p. 13) também escrevem sobre a segunda fase da AD. Segundo os autores, na “segunda época” da AD [...] a abordagem do sujeito ainda se dá através da interpelação pela ideologia.” Para Gregolin esta obra de Pêcheux foi de extrema importância para aprofundar e reestabelecer os preceitos estipulados na AAD-69, pois:

[...] é nesse artigo, também, que Pêcheux refina análise das relações entre língua, discurso, ideologia e sujeito, formulando sua teoria dos dois esquecimentos: sob a ação da interpelação ideológica, o sujeito pensa que é a fonte do dizer, pois este se apresenta como uma evidência. (GREGOLIN,2006, p.62)

A terceira fase é caracterizada pela desconstrução da *máquina discursiva*, pois nesse período Pêcheux passa a considerar que as várias formações discursivas (FDs) existentes num discurso são reguladas pelo interdiscurso, ou seja, pelos ditos anteriores formulados em outras FDs. Deste modo, o discurso do sujeito, na terceira fase, é determinado por uma formação discursiva com a qual o sujeito se identifica. A formação discursiva é compreendida como “[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito [...]” (PÊCHEUX, [1975], 2014, p.147). Ou seja, na terceira fase, Pêcheux atribui à formação discursiva os sentidos do discurso.

2.3 SUJEITOS E FORMAÇÕES DISCURSIVAS (FD) NO DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE AS FAMÍLIAS PLURAIS BRASILEIRAS

No capítulo I discorreremos brevemente sobre a evolução do conceito de família, apontando as mudanças históricas que ocorreram nesse núcleo da sociedade. Mostramos,

também, que no Brasil, principalmente a partir da constituição de 1988, as famílias plurais passaram a ter existência jurídica e ganharam voz na sociedade, fazendo jus a uma série de direitos.

As famílias plurais, em sua diversidade, são hoje tema recorrente em muitos noticiários veiculados pela imprensa nacional e internacional. O discurso da imprensa brasileira acerca dos direitos das famílias, da adoção de filhos e dos conflitos vivenciados pelos diferentes tipos de casais oscila, nos noticiários, entre posições-sujeito favoráveis e desfavoráveis às demandas familiares e aos conflitos vivenciados. Essas posições-sujeito ora se mostram influenciadas pelo discurso jurídico, pautado no poder do estado, ora se mostram revolucionárias, acolhendo as famílias plurais em sua diversidade.

Os recortes discursivos que analisaremos nesta seção mostram diferentes tipos de sujeitos inscritos em diversas formações discursivas (FDs). As formações discursivas (FDs) foram individuadas de acordo com a identificação desses sujeitos a uma das famílias plurais apresentadas no capítulo I deste estudo.

O *corpus* a ser analisado, neste trabalho, recobre um espaço de tempo entre 2006 a 2016 e foram selecionados a partir do critério de contemplar o discurso do maior número possível de famílias, conforme mencionado no capítulo I deste texto. Pretendemos verificar a existência de pré-construídos e já-ditos, assim como a possibilidade do deslocamento de sentidos em torno do discurso dos sujeitos inscritos em diferentes (FD). Em outras palavras, pretendemos verificar mecanismos de regulação e desregulação de sentidos (PÊCHEUX, 1999, p. 52) existentes nos discursos recortados.

Apresentamos a seguir 15 (quinze) sequências discursivas que elegemos como *corpus* as SD trazem discursos de sujeitos inscritos em diversos tipos de famílias, consequentemente formações discursivas (FD) diferentes, conforme veremos a seguir:

SD1) Nossa "gestação" começou no dia 3 de junho de 2005 [...] Com a Theodora em casa, descobrimos que tínhamos uma centena de coisas para aprender [...] Essas atividades rotineiras, **nem eu nem o Júnior tínhamos passado**. [...] Em uma consulta com o pediatra [...] as mães adoraram ver **um pai no médico**, se preocupando com a saúde da filha [...] quando em outra consulta, **conheciam meu parceiro**, às vezes, ficavam reticentes [...] Como ela chegou com 4 anos, sabia um pouco da sua história, mas nós contamos tudo de novo. Explicamos que ela era adotiva e do amor que sentimos quando a vimos pela primeira vez [...] nosso vínculo afetivo foi imediato. Temos agora a guarda definitiva. Na certidão, consta **o nome dos dois pais**. Mas, durante mais de um ano, tínhamos de falar com a juíza periodicamente [...] Ela disse: 'Fala para ela obrigada, porque eu estou muito feliz'."(Revista *Crescer*, de

Catanduva-SP- Janeiro 2007, p.1 Título: *Depoimentos de pais e mães homossexuais que adotaram*)

(SD2) [...] no livro a **temática da família homossexual [...]**dois **‘barbudos’ e um menininho. Duas lésbicas e uma menininha**”, ironizou. Bolsonaro afirmou ainda que vai criar a “campanha faça uma fogueira na sua escola”, incentivando os alunos a queimarem o material anti-homofobia. Segundo o deputado, se o material fosse distribuído em faculdades, ele não se oporia. (Blog Coluna limite global, São Paulo-SP-01/08/2011,Titulo: Bolsonaro inicia campanha contra “kit gay”)

(SD3) [...] **“Normalmente eles omitem a orientação sexual ou sua relação com pessoa do mesmo sexo na tentativa de driblar o preconceito da Justiça”**, acredita a desembargadora Maria Berenice Dias, 57, do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, vice-presidente nacional do Instituto Brasileiro de Direito da Família. (Blog GAASP – *Grupo de Apoio a Adoção*, de São Paulo-escrito por Roberto de Oliveira,2006-Titulo: *Homossexuais contam as alegrias e dificuldades de criar filhos*)

(SD4) [...] “Fiquei me questionando se a minha presença na Terra faria alguma diferença no final de tudo. **Queria fazer algo e procurei o fórum atrás de uma criança sem a mínima condição.** Encontrei um garotinho de cinco anos que mal sabia falar”, conta. Era Lúcio, hoje com 24 anos [...] **a pedido do próprio Lúcio, Jack voltou ao orfanato e trouxe um garoto de quatro anos**, Adriano [...] “Quando chegamos lá, ele olhou para mim e me chamou de pai” [...] “O que seria da minha vida se ele não tivesse me adotado? Estaria na Febem? Na rua? Ao lado dele, tive condições de desenvolver minha aptidão à arte, fiz inglês em Londres e sou uma pessoa feliz”, afirma Adriano, que estuda design gráfico. [...] **Jack só revelou aos filhos que é gay há dois.** “Se alguém tem algo contra mim pelo fato de meu pai ser gay essa pessoa não vai fazer falta na minha vida”, resume Adriano. (*Blog GAASP –Grupo de Apoio a Adoção*, de São Paulo-escrito por Roberto de Oliveira, 2006-Titulo: *Homossexuais contam as alegrias e dificuldades de criar filhos*)

(SD5) “Não procurava reconhecimento, mas **para transitar como uma família 'normal' na sociedade você precisa ter uma postura de família 'normal'. Casar, ter filhos e assumir esse papel é algo natural, seja o casal homo ou hétero [...]. “Muita coisa mudou, mas muita coisa se mantém, como a ideia de dar visibilidade pública a uma escolha [...]** Muitos casamentos ainda buscam estabilidade social e econômica, legitimidade sexual, aquisição de direito”. (Revista *Saúde plena*, Governador Valadares-MG-13/12/2015, Título: *Número de matrimônios revela transformações na sociedade brasileira*)

(SD6) [...] a Justiça tarda. Levou dez anos, mas tivemos a decisão a nosso favor [...] **chamamos nossos três filhos e explicamos que agora somos não só uma família de fato, mas também por direito [...]** hoje, estamos todos muito felizes e **garantidos por lei como uma família.** (Jornal BBC- *Brasil*, São Paulo-entrevista de Rafael Barifouse,9/04/2015-Título: *Ninguém mais pode dizer que não somos uma família*)

(SD7) após a morte da mãe quando tinha quatro anos, Ana Karolina, que não foi reconhecida pelo pai biológico, **acabou adotada pelo tio, Fábio Lopes, que lutou judicialmente pela tutela da sobrinha sem esconder sua condição de homossexual e vivendo maritalmente com João [...]** (Do UOL, em São Paulo e São Bernardo do Campo- SP, escrita por Rodrigo Bertolotto, 29/05/2013-Título: *Filhos revelam como é crescer em lar com pais gays*)

(SD8) [...] a “família está mudando” e de que, hoje em dia “é formada por diferentes núcleos de convívio [...] **estão querendo transformar a família tradicional com pai, mãe e filhos em coisa ultrapassada. Estão realizando uma paulatina desvalorização da família [...]** A família é a base de tudo, é uma instituição que deve ser fortalecida. Famílias desestruturadas significam problemas para a sociedade. (Blog do Samuel Malafaia é Pastor, Professor de Teologia, Engenheiro e Deputado Estadual – RJ -09/01/2015-Título: *Entre na Luta Pela Família Tradicional*)

(SD9) chegou o momento de aumentar a família [...] É uma fase diferente, outra experiência e deliciosamente encantadora [...] Kassem está super feliz e diz a todo tempo: – **Mamãe, sua “baiga” esta “gande”, parece um ovo de “pacoa”.** (Blog uma mãe arábias -depoimento de Barbara saleh-25/04/2012 - Título: *Éramos 3! Agora somos 4!*)

(SD10) Jair Pereira, ele treina conosco há bastante tempo e aos pouquinhos foi convencendo outras pessoas da família dele a começarem no *CrossFit* [...] cada um tem os seus objetivos diferentes. Temos como objetivo principal (o da família) a interação e cada um tem seus objetivos [...] todos estão treinando, **eu, minha esposa Juliane, meus filhos Lucas, Henrique e Giovana e o meu pai Jair.** (Blog *Crossfit* Barigui - postado por Maurício Cervenka, 2010, Título: *A família de Jair Pereira*)

(SD11) sem empecilho judicial, **homens adotam filhos sozinhos e criam um novo núcleo familiar, igualmente eficaz [...]**minha mãe sempre procura me ajudar, mas dentro das suas limitações de idade[...] pedi para ensinar a dar banho e a fazer a primeira troca. Resto fui tirando de letra [...] sempre tive desejo de ter uma família. (Revista Metrôpole-RAC, de São Paulo-SP-agosto 2009, Título: *Pai Solteiro*)

(SD12) [...] eu precisava de um serviço e ela de uma empregada [...] de cara gostei acho que é a sinceridade [...] **pedi a ela se podia levar meu neto, em resumo vieram mais dois para morar aqui [...] eram quatro meninos com o filho da Eliana vivem sobre o mesmo teto[...] tinha mais da Lourdes do que da nossa. Mas na verdade éramos uma família só** (Blog do Noticiário do *Fantástico* da TV Globo, de São Paulo -SP -23/08/2015. Título: *Duas famílias se unem pelo amor sob o mesmo teto*)

(SD13) “**não compromisso**”, **não precisar dar satisfação e mesmo assim estar acompanhada do homem que gosta**, são vantagens que elas teimam em acreditar [...] “Eu fiquei decepcionadíssima e envergonhada. Isso nunca tinha acontecido comigo e minha vontade era matá-lo” [...]. **Seis meses após a descoberta, Maria da Penha engravidou. “Eu fiquei chocada com a notícia, mas adorei.** Se ele não quisesse assumir, eu teria

o filho da mesma forma, pois era meu sonho. Eu já estava com 35 anos e não podia esperar mais”, declara. Para sua surpresa, **Ricardo assumiu o menino, montou um apartamento para ela morar com a criança, que hoje tem dois anos, e paga todas as despesas da casa, escola, plano de saúde, entre outras [...] eu mando na minha casa, nos meus horários e não tenho cobranças, a não ser as minhas.** (Revista *Vila Mulher*, Título: *Ser amante - o relato da “outra”*)

(SD14) **"Decidimos fazer mais por uma questão burocrática, para que eu pudesse resolver algumas coisas em nome dele"**, contou Luciane. "Foi uma forma simples e rápida de oficializar a união" [...] Nunca me preocupei em ter um papel assinado, pois sempre me considerei casada. **Já temos um filho de seis anos e o mais importante é estar juntos**". (Jornal *A gazeta*, do São Paulo-SP-26/11/2011, Título: *Não é preciso dizer "sim" para oficializar o relacionamento*)

(SD15) Confesso que achei que seria mais simples”, diz Elton. **Todos têm ciúme da caçula, em especial Felipe, que por algum tempo foi o mais novo da casa.** “Ele cria confusões para ter a minha atenção exclusiva”, diz o pai. **De dois anos para cá, a convivência entre todos [...] “Esse arranjo de família ainda não tem manual”**, diz. Os conservadores culpam o modelo moderno de família pela existência de conflitos. (Revista *Época*, Brasília-DF-2015, Título: *Os conflitos da nova família*)

Antes de individuarmos as formações discursivas (FDs) nas quais se inscrevem os sujeitos dos discursos anteriormente recortados, convém reiterarmos que a noção de formação discursiva (FD) será definida por Pêcheux como “[...] aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito [...]” (Pêcheux, [1975], 2009, p. 147). Ou seja, os sentidos de um discurso estão diretamente relacionados à formação discursiva (FD) de onde provém.

Quanto à noção de discurso, Pêcheux explicita que “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo geral, de um *efeito de sentidos* entre os pontos A e B” (Pêcheux, [1969], 2010, p. 81). Esclarecemos, ainda, que o discurso do sujeito é determinado pelas condições de produção históricas e ideológicas em que irrompe na sociedade e pelo efeito de sentido que instaura no seu interlocutor.

Neste ponto, passaremos a individuar as formações discursivas (FD) nas quais se inscrevem as SD (1) a (15). A observação dos recortes nos permite inscrevê-los nas seguintes formações discursivas (FD):

QUADRO 1: INDIVIDUAÇÃO DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS (FD)

SD	SEQUÊNCIA DISCURSIVA RECORTADAS	FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD)/ TIPOS DE FAMÍLIAS
SD1	Essas atividades rotineiras, nem eu nem o Júnior tínhamos passado. [...] conheciam meu parceiro. [...] consta o nome dos dois pais	FD1 = Sujeito identificado à família homoafetiva (constituída por sujeitos do mesmo sexo)
SD2	A temática da família homossexual [...] dois ‘barbudos’ e um menininho. Duas lésbicas e uma menininha” [...]	
SD3	[...] omitem a orientação sexual ou sua relação com pessoa do mesmo sexo.	
SD7	Acabou adotada pelo tio, Fábio Lopes, que lutou judicialmente pela tutela da sobrinha sem esconder sua condição de homossexual e vivendo maritalmente com João [...]	FD2 = Sujeito identificado à família monoparental (os filhos vivem apenas com um dos pais).
SD4	Jack voltou ao orfanato e trouxe um garoto de quatro anos [...]. Jack só revelou aos filhos que é gay há dois.	
SD11	homens adotam filhos sozinhos e criam um novo núcleo familiar, igualmente eficaz	FD3 = Sujeito identificado à família matrimonial (constituída pelo casamento).
SD5	para transitar como uma família 'normal' na sociedade você precisa ter uma postura de família 'normal'. Casar, ter filhos e assumir esse papel é algo natural	
SD6	chamamos nossos três filhos e explicamos que agora somos não só uma família de fato, mas também por direito [...] garantidos por lei como uma família	
SD8	estão querendo transformar a família tradicional com pai, mãe e filhos em coisa ultrapassada	
SD9	chegou o momento de aumentar a família [...] Mamãe, sua “baiga” esta “gande”, parece um ovo de “pacoa”	
SD10	eu, minha esposa Juliane, meus filhos Lucas, Henrique e Giovana e o meu pai Jair.	
SD14	"Decidimos fazer mais por uma questão burocrática, para que eu pudesse resolver algumas coisas em nome dele [...] Nunca me preocupei em ter um papel assinado, pois sempre me considerei casada. Já temos um filho de seis anos e o mais importante é estar juntos"	
SD12	pedi a ela se podia levar meu neto, em resumo vieram mais dois para morar aqui [...] eram quatro meninos com o filho da Eliana vivem sobre o mesmo teto [...] tinha mais da Lourdes do que da nossa. Mas na verdade éramos uma família só	FD4 = Sujeito identificado à família anaparental (convívio entre várias famílias)
SD13	“não compromisso”, não precisar dar satisfação e mesmo assim estar acompanhada do homem que gosta [...] Seis meses após a descoberta, Maria da Penha engravidou. “Eu fiquei chocada com a notícia, mas adorei [...] montou um apartamento para ela morar com a criança, que hoje tem dois anos, e paga todas as despesas da casa, escola, plano de saúde, entre outras[...] eu mando na minha casa, nos meus horários e não tenho cobranças, a não ser as minhas.	FD5 = Sujeito identificado à família paralela (concubinato impuro). O direito do filho, entretanto, é reconhecido pela justiça
SD15	Todos têm ciúme da caçula, em especial Felipe, que por algum tempo foi o mais novo da casa. [...] De dois anos para cá, a convivência entre todos [...] “Esse arranjo de família ainda não tem manual”,	FD7 = Sujeito identificado à família pluriparental (relacionamento entre cônjuges desquitados ou divorciados, com

		filhos de outros relacionamentos).
--	--	------------------------------------

A partir dos discursos precedentes e com base nos tipos de famílias plurais, descritas no capítulo I deste estudo, foram individuadas 7 (sete) formações discursivas, conforme consta a seguir:

QUADRO 2: FORMAÇÕES DISCURSIVAS (FD) INDIVIDUADAS

FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD)	SUJEITO	SD
FD1	Sujeito identificado à família homoafetiva	SD 1, 2 3 e 7
FD2	Sujeito identificado à família monoparental	SD 4 e 11
FD3	Sujeito identificado à família matrimonial	SD 5, 6, 8, 10 e 14
FD4	Sujeito identificado à família anaparental	SD 12
FD5	Sujeito identificado à família paralela	SD13
FD6	Sujeito identificado à família informal que migrou, posteriormente, para a FD3	SD14
FD7	Sujeito identificado à família pluriparental	SD15

Na seção que se segue passaremos a analisar as posições-sujeito inscritas nas formações discursivas (FD) e os efeitos de sentido instaurados por/sobre suas discursividades.

2.4 POSIÇÕES- SUJEITO E EFEITOS DE SENTIDO

Na seção anterior, individuamos 7 (sete) FD com as quais se identificam os sujeitos das sequências discursivas escolhidas como *corpus*. Observando as *tomadas de posição* desses sujeitos, em seus discursos, é possível agrupá-las em *posições-sujeito* (PS) distintas. Por *posição-sujeito* compreendemos, a partir de Courtine ([1981], 2009, p. 88), como “[...] uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um *sujeito* enunciador e o *sujeito* do saber de uma dada FD”.

Passemos a observar o funcionamento dos seguintes discursos *dos/sobre* os sujeitos inscritos na FD1:

QUADRO 3: POSIÇÕES-SUJEITO IDENTIFICADAS À FD1

SD	SEQUÊNCIA	FD
SD1	Com a Theodora em casa, descobrimos que tínhamos uma centena de coisas para aprender/ Explicamos que ela era adotiva e do amor que sentimos quando a vimos pela primeira vez [...] Nosso vínculo afetivo foi imediato	FD1
SD2	a temática da família homossexual [...] dois ‘barbudos’ e um menininho. Duas lésbicas e uma menininha”, ironizou. Bolsonaro afirmou ainda que vai criar a “campanha faça uma fogueira na sua escola”, incentivando os alunos a queimarem o material anti-homofobia.	FD1
SD3	[...] “Normalmente eles omitem a orientação sexual ou sua relação com pessoa do mesmo sexo na tentativa de driblar o preconceito da Justiça”, acredita a desembargadora	FD1
SD7	Ana Karolina, que não foi reconhecida pelo pai biológico, acabou adotada pelo tio, Fábio Lopes, que lutou judicialmente pela tutela da sobrinha sem esconder sua condição de homossexual e vivendo maritalmente com João [...]	FD1

As sequências discursivas recortadas, no quadro 3, foram retiradas de discursos proferidos por sujeitos, ou que remetem a sujeitos, inscritos na FD1. A observação dos discursos recortados nos permite inscrevê-los em duas *posições-sujeito* distintas, a partir dos *efeitos de sentido* instaurados nas discursividades que se seguem.

Nos enunciados da SD1 (*discurso do sujeito*) “Explicamos que ela era adotiva e do amor que sentimos quando a vimos pela primeira vez [...] Nosso vínculo afetivo foi imediato”, as expressões *amor* e *vínculo afetivo* instauram o efeito de sentido de afeição, carinho, estima e apego sentimental ao sujeito infantil. O mesmo efeito de sentido positivo pode ser apreendido na SD7, em que o sintagma lutou judicialmente, recortado do enunciado “que lutou judicialmente pela tutela da sobrinha”, instaura o efeito de sentido de esforço, de empenho na disputa legal em prol da adoção da sobrinha.

Nas formulações “a temática da família homossexual [...] dois ‘barbudos’ e um menininho. Duas lésbicas e uma menininha”, ironizou. Bolsonaro afirmou ainda que vai criar a “campanha faça uma fogueira na sua escola”, incentivando os alunos a queimarem o material anti-homofobia.”, recortadas da SD2 (*discurso sobre o sujeito*) os sintagmas “dois barbudos e um menininho” e “duas lésbicas e uma menininha” constroem o efeito de sentido de aberração, de anomalia, de deformidade comportamental. Esse efeito é intensificado pelo enunciado “faça fogueira na sua escola” e “incentivando os alunos a queimarem o material anti-homofobia”, em que os sintagmas “faça”, “fogueira”, “escola”, “incentivando”, “alunos”, “queimar” e “anti-homofobia” instauram o efeito de sentido de manipulação, de hostilidade, de indução ao ódio, à violência e à agressividade. O sintagma verbal “queimar” e “anti-homofobia”, em especial, aciona a memória histórica e discursiva

dos sujeitos trazendo, pelo viés do interdiscurso, antigos *pré-construídos* que remetem às práticas inquisidoras medievais de intolerância e de anulação das diferenças sociais pela força.

É importante reiterar que, para a AD, o *discurso* dos *sujeitos* se constitui a partir de formulações provenientes de outros discursos, que emergem na exterioridade e são produzidos no interior de uma formação discursiva (FD) dada com a qual o sujeito se identifica. Os *pré-construídos*, um dos elementos do *interdiscurso*, correspondem ao *sempre já aí* dá interpelação ideológica (PÊCHEUX, 2009, p. 151) que impõe a realidade e seus sentidos aos *sujeitos*. Isso reitera o fato de que em todo discurso “[...] algo fala (*ça parle*) sempre antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 2009, p. 149). Deste modo, os sentidos construídos no discurso do sujeito da SD2 acabam por incentivar os sujeitos infantis a manifestarem comportamentos sociais agressivos e repletos de negatividade. A negatividade dos sentidos também está presente na formulação “Normalmente eles omitem a orientação sexual ou sua relação com pessoa do mesmo sexo na tentativa de driblar o preconceito da Justiça”, recortada da SD3, em que as expressões “driblar”, “preconceito” e “justiça” instauram o efeito de sentido de discriminação, de intolerância e de rejeição manifestada (pelo Judiciário) aos sujeitos inscritos na FD1.

Os efeitos de sentido mencionados anteriormente nos permitem, assim, identificar duas posições–sujeito distintas na FD1: uma que avalia positivamente o sujeito histórico dessa FD, que aqui chamaremos de Posição-sujeito 1 (PS1) e outra que a avalia negativamente, que identificaremos como PS2. Esse fato mostra que uma FD não é um espaço fechado, podendo ser invadida por discursos provenientes de outras FD que se repetem nela (PÊCHEUX, [1983], 2010c, p. 310) na perspectiva do *interdiscurso*.

Na FD1, portanto, temos duas posições-sujeito antagônicas, conforme podemos verificar a seguir:

QUADRO 4: EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS NA FD1

FD	SD	EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS: POSITIVOS E NEGATIVOS	POSIÇÕES-SUJEITO
FD1	SD1	afeição, carinho, estima e apego sentimental ao sujeito infantil	PS1
FD1	SD7	esforço, empenho na disputa legal em prol da adoção da sobrinha	PS1
FD1	SD2	aberração, anomalia, deformidade comportamental, manipulação, hostilidade,	

		indução ao ódio, à violência, à agressividade, à intolerância e incentivo à anulação dos direitos sociais pela força	PS2
FD1	SD3	discriminação, de intolerância e de rejeição	PS2

O fato de observarmos a existência de duas posições-sujeito inscritas na FD1 nos faz afirmar que essa FD é **caracterizada pela heterogeneidade**.

Passaremos, agora a analisar o funcionamento dos discursos inscritos na FD2:

QUADRO 5: POSIÇÃO-SUJEITO IDENTIFICADA À FD2

SD	SEQUÊNCIA	FD
SD4	se a minha presença na Terra faria alguma diferença no final de tudo. Queria fazer algo e procurei o fórum atrás de uma criança sem a mínima condição [...] voltou ao orfanato e trouxe um garoto de quatro anos	FD2
SD11	homens adotam filhos sozinhos e criam um novo núcleo familiar, igualmente eficaz [...] Resto fui tirando de letra [...]	FD2

As enunciações presentes no quadro 5 foram retiradas do discurso de um sujeito individuado na FD2. A FD2 inscreve sujeitos identificados à família monoparental.

A observação dos discursos recortados no quadro 5 nos permitem inscrevê-los em uma única *posição-sujeito*, a partir dos *efeitos de sentido* instaurados nas discursividades que se seguem.

No enunciados da SD4 (*discurso do sujeito*) “Queria fazer algo e procurei o fórum atrás de uma criança sem a mínima condição [...] voltou ao orfanato e trouxe um garoto de quatro anos” as expressões “Queria fazer algo”, “procurei o fórum”, “criança sem a mínima condição” e “trouxe um garoto de quatro anos” instauram o efeito de sentido de generosidade, bondade, humanidade, altruísmo, caridade e de aspiração em praticar o bem.

Nos enunciados “homens adotam filhos sozinhos” e “criam um novo núcleo familiar, igualmente eficaz [...] Resto fui tirando de letra [...]”, retirados da SD11, as expressões “homens sozinhos”, “criam”, “igualmente eficaz” e “tirando de letra” são responsáveis pela instauração de efeitos de sentido positivos de autonomia, de liberdade, de autossuficiência que identificam o sujeito da FD2 a PS1.

QUADRO 6: EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS NA FD2

FD	SD	EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS: POSITIVOS	POSIÇÕES-SUJEITO
FD2	SD4	generosidade, bondade, humanidade, altruísmo, caridade e aspiração em praticar o bem.	PS1
FD2	SD11	autonomia, liberdade, autossuficiência na perspectiva da adoção e criação dos filhos	PS1

A positividade dos efeitos de sentido destacados no quadro 6 inscrevem a posição-sujeito na PS1.

A seguir, passaremos a observar as discursividades provenientes da FD3:

QUADRO 7: POSIÇÕES-SUJEITO IDENTIFICADAS À FD3

SD	SEQUÊNCIA	FD
<u>SD5</u>	para transitar como uma família 'normal' na sociedade você precisa ter uma postura de família 'normal'. Casar, ter filhos e assumir esse papel é algo natural	FD3
SD6	chamamos nossos três filhos e explicamos que agora somos não só uma família de fato, mas também por direito [...] garantidos por lei como uma família.	FD3
SD8	estão querendo transformar a família tradicional com pai, mãe e filhos em coisa ultrapassada. Estão realizando uma paulatina desvalorização da família	FD3
SD9	chegou o momento de aumentar a família [...] É uma fase diferente, outra experiência e deliciosamente encantadora [...] – Mamãe, sua “baiga” esta “gande”, parece um ovo de “pacoa”	FD3
SD10	Temos como objetivo principal (o da família) a interação e cada um tem seus objetivos [...] todos estão treinando, eu, minha esposa Juliane, meus filhos Lucas, Henrique e Giovana e o meu pai Jair.	FD3

As enunciações recortadas no quadro 7 nos mostram a existência de duas posições-sujeito distintas atravessando essas discursividades.

Na SD5 os enunciados “transitar como uma família 'normal', “precisa ter uma postura de família 'normal', “Casar, ter filhos e assumir esse papel é algo natural”, a repetição do sintagma “normal” e “natural” instaura o efeito de sentido de verdade, de referência, de paradigma, de regra e modelo social a ser seguido.

Na SD6 os recortes “família de fato”, “por direito”, “garantidos por lei” retirados dos enunciados “agora somos não só uma família de fato, mas também por direito [...] garantidos por lei como uma família” instaura o efeito de sentido de legitimidade, de garantia, de proteção, de custódia e tutela.

Na SD9 as sequências discursivas “aumentar a família [...] É uma fase diferente, outra experiência e deliciosamente encantadora [...]” criam um efeito de sentido de deleite, de satisfação, de encantamento e de excepcionalidade.

Na SD10, a normalização de cada membro da família no enunciado “todos estão treinando, eu, minha esposa Juliane, meus filhos Lucas, Henrique e Giovana e o meu pai Jair” reforça o efeito de sentido de regularidade, estabilidade e solidez.

Todas as posições-sujeito mencionadas, da SD5 a SD10, instauram efeitos de sentido positivos em relação aos saberes da FD3 podendo, portanto, serem inscritos na PS1.

Quanto aos enunciados “ [...] estão querendo transformar a família tradicional com pai, mãe e filhos em coisa ultrapassada. Estão realizando uma paulatina desvalorização da família [...]” recortados da SD8 (discurso sobre), destacamos os sintagmas “transformar a família”, “ultrapassada” e “desvalorização da família” que são responsáveis pela instauração de efeitos de sentido de desqualificação, de desvalorização, de censura e desaprovação em relação ao sujeito da FD3. Em razão desses sentidos negativos, a posição-sujeito da SD8 será inscrita na PS2.

Há, portanto, duas posições-sujeito inscritas na FD3, fato que confirma a afirmação de Pêcheux ([1983], 2010, p. 310) que uma FD não é um espaço fechado, podendo ser invadida por outros saberes de outras FD que se repetem nela.

Deste modo, as duas posições-sujeito inscritas na FD3 podem ser assim definidas, considerando os efeitos de sentido instaurados mobilizados pelos e sobre os sujeitos dessa FD:

QUADRO 8: EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS NA FD3

FD	SD	EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS: POSITIVOS/NEGATIVOS	POSIÇÕES-SUJEITO
FD3	SD5	verdade, referência, paradigma, regra e modelo social a ser seguido.	PS1
FD3	SD6	legitimidade, de garantia, proteção, custódia e tutela	PS1
FD3	SD8	desqualificação, desvalorização, censura e desaprovação em relação ao sujeito da FD3	PS2
FD3	SD9	deleite, satisfação, encantamento e excepcionalidade.	PS1

FD3	SD10	regularidade, estabilidade e solidez	PS1
-----	------	--------------------------------------	-----

Deste modo, em virtude das PS1 e PS2 identificadas, a FD3 também se caracteriza pela heterogeneidade das posições-sujeito que nela se inscrevem.

Na FD4, em que se inscrevem sujeitos identificados à família (na perspectiva deste estudo) identificamos apenas uma posição-sujeito, conforme detalharemos a seguir:

QUADRO 9: POSIÇÃO-SUJEITO IDENTIFICADA À FD4

SD	SEQUÊNCIA	FD
SD12	[...] pedi a ela se podia levar meu neto, em resumo vieram mais dois para morar aqui [...] eram quatro meninos com o filho da Eliana vivem sobre o mesmo teto [...] tinha mais da Lourdes do que da nossa. Mas na verdade éramos uma família só	FD4

Na SD12 as sequências discursivas “pedi a ela se podia levar meu neto, em resumo vieram mais dois para morar aqui [...] eram quatro meninos com o filho da Eliana vivem sobre o mesmo teto [...] tinha mais da Lourdes do que da nossa. Mas na verdade éramos uma família só” foram recortadas do discurso de um sujeito identificado à FD4 (família anaparental). A característica desse sujeito é dividir o mesmo espaço com várias famílias que partilham tudo, coletivamente.

As expressões “vieram mais dois para morar aqui”, “viver sobre o mesmo teto”, “tinha mais da Lourdes do que da nossa” e “éramos uma família só” instauram efeitos de sentido positivos de comunidade, de solidariedade, de compartilhamento, de associação, inscrevendo esse sujeito na PS1 da FD4.

QUADRO 10: EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS NA FD4

FD	SD	EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS: POSITIVOS	POSIÇÕES-SUJEITO
FD4	SD12	comunidade, solidariedade, associação, compartilhamento	PS1

Na SD13, que se segue, passaremos a observar o discurso de um sujeito inscrito na FD5. Anteriormente chamada de família paralela, essa FD5 inscreve sujeitos que mantêm duas ou mais instituições familiares. No passado essas instituições familiares caracterizavam o concubinato puro e impuro. No presente, esse tipo de família passou a ser

reconhecida legalmente, para fins de direitos adquiridos, desde que a convivência por, no mínimo, 5 (cinco) anos, seja comprovada pelo requerente.

No quadro a seguir, analisaremos essa posição-sujeito:

QUADRO 11: POSIÇÃO-SUJEITO IDENTIFICADA À FD5

SD	SEQUÊNCIA	FD
SD13	“não compromisso”, não precisar dar satisfação e mesmo assim estar acompanhada do homem que gosta [...] Seis meses após a descoberta, Maria da Penha engravidou. “Eu fiquei chocada com a notícia, mas adorei.[...] Ricardo assumiu o menino [...] montou um apartamento para ela morar com a criança [...] eu mando na minha casa, nos meus horários e não tenho cobranças, a não ser as minhas.”	FD5

Na SD13, recortada no quadro 11, as sequências discursivas “não compromisso”, “não precisar dar satisfação”, “Ricardo assumiu o menino”, “montou um apartamento para ela morar com a criança”, “mando na minha casa”, “nos meus horários” e “não tenho cobranças” evidenciam a inscrição desse sujeito na FD5. Os sintagmas “não compromisso”, “não satisfação”, “mando na minha casa”, “nos meus horários” e “não tenho cobranças” instauram um efeito de sentido de independência emocional, de vantagens e privilégios angariados pelo sujeito, embora o enunciado “montou um apartamento para ela morar com a criança” evidencie que esse sujeito é dependente financeiramente do companheiro. Os sentidos instaurados pelo discurso desse sujeito nos levam, contudo, a identificá-lo a PS1.

QUADRO 12: EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS NA FD5

FD	SD	EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS: POSITIVOS	POSIÇÕES-SUJEITO
FD5	SD13	independência emocional, vantagens e privilégios	PS1

A SD14, a seguir, nos traz um discurso bastante interessante de um sujeito que migra dos saberes de uma FD para outra FD:

QUADRO 13: POSIÇÃO-SUJEITO IDENTIFICADA À FD6 QUE MIGRA PARA A FD3

SD	SEQUÊNCIA	FD
SD14	[...]Nunca me preocupei em ter um papel assinado, pois sempre me considerei casada. Já temos um filho de seis anos e o mais importante é	FD6

	estar juntos"	
SD14	"Decidimos fazer mais por uma questão burocrática, para que eu pudesse resolver algumas coisas em nome dele" [...] "Foi uma forma simples e rápida de oficializar a união"	FD3

Os enunciados recortados, no quadro 13, foram extraídos do discurso de um sujeito que, anteriormente, inscrevia-se na FD6 com a qual se identificam os sujeitos que fazem parte de famílias informais caracterizada pela ausência do casamento, mas que mantêm uma união estável. As sequências "Nunca me preocupei em ter um papel assinado", "sempre me considereei casada" e "o mais importante é estar juntos" comprovam a inscrição inicial desse sujeito na FD6.

As sequências "Decidimos fazer mais por uma questão burocrática" e "Foi uma forma simples e rápida de oficializar a união" mostram que esse sujeito migrou dos saberes da FD6 para a FD3, com a qual se identificam todos os sujeitos inscritos em famílias matrimoniais. Esse fato merece ser analisado à luz da Análise do Discurso (AD), conforme veremos no parágrafo que se segue:

Na obra *Semântica e Discurso* (1975), Pêcheux nos ensina a respeito do funcionamento do *sujeito* do discurso. Para o teórico, o funcionamento do sujeito discursivo está associado às práticas discursivas que irão inscrevê-lo em determinada *formação discursiva* (FD) com a qual se identifica e que o constitui como *sujeito*. Esse processo de identificação é constituído como efeito da *forma-sujeito* de uma determinada *formação discursiva*. A expressão *forma-sujeito* diz respeito ao *sujeito* em sua forma histórica, como agente de práticas sociais.

Pêcheux explica que durante o processo de reconhecimento/identificação com a formação discursiva (FD), o *sujeito* se esquece das determinações que o colocam no lugar que ocupa. Isto caracteriza o *assujeitamento ideológico* que faz com que o indivíduo se posicione como *sujeito* do seu discurso, ao mesmo tempo em que apaga o fato de que seu discurso é determinado pela *ideologia* ou pelo *Sujeito* (universal). O *sujeito*, portanto, toma posições a partir do lugar em que se reconhece como *sujeito*.

Desse modo, o indivíduo é interpelado em *sujeito* pela *ideologia* e se constitui a partir do processo de *identificação* com determinada FD. Vale dizer ainda que o processo de *identificação* é sempre inacabado, de forma que o *sujeito* pode se *contra-identificar* no interior dessa FD ou se *desidentificar* dessa FD identificando-se a outra FD.

A *forma-sujeito* pode desdobrar-se, no âmbito de uma *formação discursiva*, tomando posições que possibilitam, assim, assumir três diferentes modalidades.

A primeira modalidade, segundo Pêcheux, consiste num recobrimento entre o *sujeito* da enunciação e o *sujeito universal*. Há, nesse sentido, uma identificação plena do *sujeito* com a *forma-sujeito* da FD, originando o que Pêcheux chama de discurso do *bom sujeito*. O *sujeito* ao ser interpelado equipara-se à *forma-sujeito*, identificando-se aos saberes inscritos naquela FD.

A segunda modalidade é caracterizada por Pêcheux (PÊCHEUX, [1975], 2009, p. 215-6) como “o discurso do mau sujeito” que, por meio da recusa, da negação e da separação se volta contra a *forma-sujeito*. Ocorre, nesse caso, um antagonismo no interior da *forma-sujeito* colocando em suspeição os saberes que lhes são apresentados no interior daquela FD. Neste caso, o *sujeito* se contra-identifica com a *formação discursiva*, produzindo as formas do *discurso-contra* que o fazem assumir posições contraditórias no interior da FD.

A terceira modalidade consiste em um trabalho de transformação-deslocamento da *forma-sujeito* que decorre de um efeito de desidentificação com a *formação discursiva* com a qual, inicialmente, se identificava e sua inscrição em outra *formação discursiva*. A *desidentificação* do *sujeito* poderá resultar em um processo que Pêcheux denomina de *acontecimento discursivo*, quando a ruptura conduzir ao surgimento de uma nova *forma-sujeito* e, em consequência, de uma nova *formação discursiva* ou, ainda, quando ocorre uma identificação com outra FD e sua *forma-sujeito*.

A partir da teoria mencionada e voltando ao sujeito da SD13, podemos inscrevê-lo na terceira modalidade de identificação postulada por Pêcheux. O sujeito anteriormente inscrito na FD6 (família informal) rompe com os saberes dessa FD, passando a se identificar com os saberes da FD3 (família matrimonial) e sua *forma-sujeito*.

Quanto aos efeitos de sentido presentes em seu discurso, as sequências “Nunca me preocupei em ter um papel assinado”, “sempre me considerei casada” e “o mais importante é estar juntos”, identificadas à FD6, instauram sentidos de despreocupação e despreensão do sujeito. Nos enunciados “Decidimos fazer”, “questão burocrática”, para que eu pudesse resolver algumas coisas em nome dele” e “oficializar a união”, identificadas à FD3, o efeito de sentido instaurado é de utilidade e conveniência.

A observação desses efeitos de sentido e nossa *tomada de posição* nos leva a inscrevê-los na PS1 de ambas as FD, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 14: EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS PELO SUJEITO IDENTIFICADO À FD6 QUE MIGRA PARA A FD3

FD	SD	EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS: POSITIVOS	POSIÇÕES-SUJEITO
FD6	SD14	despreocupação e despreensão	PS1
FD3	SD14	utilidade e conveniência	PS1

Passamos agora a observar os enunciados recortados da SD15:

QUADRO 15: POSIÇÃO-SUJEITO IDENTIFICADA À FD7

SD	SEQUÊNCIA	FD
SD15	Confesso que achei que seria mais simples” [...] Todos têm ciúme da caçula, em especial Felipe, que por algum tempo foi o mais novo da casa. [...] De dois anos para cá, a convivência entre todos [...] “Esse arranjo de família ainda não tem manual” [...] culpam o modelo moderno de família pela existência de conflitos.’	FD7

A FD7 inscreve um sujeito identificado à família pluriparental, caracterizada pelo relacionamento entre sujeitos desquitados ou divorciados que convivem com filhos de outros relacionamentos. Os enunciados “Todos têm ciúme da caçula” e “em especial Felipe, que por algum tempo foi o mais novo da casa” evidenciam a existência de um novo sujeito, a partir da constituição dessa família.

As sequências extraídas da SD15” achei que seria mais simples”, “Esse arranjo de família ainda não tem manual” e “culpam ... pela existência de conflitos” instauram efeitos de sentido negativos de dificuldade, de complexidade, de atrito e de atribulação ao discurso desse sujeito. Fundamentados nesses efeitos de sentido negativos iremos inscrever essa posição-sujeito na PS2, conforme o quadro a seguir:

QUADRO 16: EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS PELO SUJEITO IDENTIFICADO À FD7

FD	SD	EFEITOS DE SENTIDO INSTAURADOS: NEGATIVOS	POSIÇÕES-SUJEITO
FD7	SD15	dificuldade, complexidade, atrito e atribulação	PS2

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar algumas questões como o sujeito, formações discursivas, posições-sujeito e efeitos de sentido em discursos extraídos da imprensa que tratavam de temáticas sobre as famílias brasileiras. A partir do tema “O discurso em torno das famílias plurais brasileiras: sujeitos, posições-sujeito, formações discursivas e efeitos de sentido” respondemos algumas questões de pesquisa, tais como “*Quais são os tipos de família denominadas como plurais, na sociedade brasileira? Em quais formações discursivas se inscrevem os sujeitos identificados a essas famílias plurais? As discursividades enunciadas por/sobre esses sujeitos os inscrevem em quais posições-sujeito? Os efeitos de sentido instaurados nas discursividades desses sujeitos são positivos ou negativos, no âmbito da FD com a qual se identificam?*”

O *corpus* do trabalho foi constituído por 15 (quinze) sequências discursivas (SDs) recortadas de revistas e *blogs* eletrônicos, publicados no Brasil, assim como de entrevistas selecionadas, também retiradas de revistas, com diversos tipos de famílias, dentre os quais destacamos as revistas online *Saúde plena*, *Crescer*, *Metrópole-RAC*, *Vila Mulher*, *Época*, Blogs GAASP – *Grupo de Apoio a Adoção*, blog *Samuel Malafaia*, *Uma mãe arábias* -, Noticiário do *Fantástico* da TV Globo, *Crossfit Barigui*; Jornais *A gazeta* e *BBC- Brasil*, *UOL*, analisadas pelo viés da Análise do Discurso de linha francesa (AD), na perspectiva de Michel Pêcheux.

A pesquisa bibliográfica, exposta no capítulo I, nos mostrou que a expressão “Famílias Plurais”, corrente no Brasil, refere-se a diversos tipos familiares, tais como a *Família Matrimonial* (ligada por laços do casamento entre um homem e uma mulher); a *Informal ou estável* (em que há união estável, tanto entre casais heterossexuais quanto homoafetivos); a *Monoparental* (a mãe ou o pai é solteiro); a *Pluriparental* (composta por membros provenientes de outras famílias); a *Anaparental* (caracterizada pelo convívio entre entes familiares ou amigos sob o mesmo teto); a *Eudemonista* (cuja característica é a união de indivíduos por afinidade); a *Homoafetiva* (em que pessoas do mesmo sexo se unem por laços afetivos) e a *Paralela* (constituída por um sujeito que mantém respectivamente duas ou mais instituições familiares).

Considerando o *corpus* analisado e a partir da nossa tomada de posição como analistas, individuamos as famílias mencionadas nas sequências discursivas (SD), em 7 formações discursivas (SD) distintas, com as quais se identificam os sujeitos que nelas se

inscrevem. Deste modo, a FD1 inscreve um sujeito identificado à família homoafetiva; a FD2 inscreve um sujeito identificado à família monoparental; a FD3 inscreve um sujeito identificado à família matrimonial; a FD4 inscreve um sujeito identificado à família anaparental; a FD5 inscreve um sujeito identificado à família paralela; a FD6 inscreve um sujeito identificado à família informal que migrou, posteriormente para a FD3 (família matrimonial) e a FD7 inscreve um sujeito identificado à família pluriparental.

As análises mostraram, ainda, que esses sujeitos são atravessados por *posições-sujeito* (PS) distintas no âmbito de suas FDs. Deste modo, podemos identificar na FD1 duas posições –sujeito distintas: uma que avalia positivamente o sujeito histórico (forma sujeito) dessa FD, que aqui chamaremos de Posição-sujeito 1 (PS1), e outra que a avalia negativamente, que identificaremos como PS2. Assim, reiteramos que foram consideradas, no âmbito do estudo, apenas duas *posições-sujeito* (PS1e PS2) a partir dos *efeitos de sentido* positivos (PS1) e negativos (PS2) instaurados em cada discursividade analisada.

Quanto aos efeitos de sentidos instaurados nas discursividades dos sujeitos, identificamos o que se segue:

Na SD1 da FD1 (*discurso do sujeito*) as expressões *amor* e *vínculo* instauram o efeito de sentido de afeição, carinho, estima e apego sentimental que o inscreve na PS1. O mesmo efeito de sentido positivo (PS1) pode ser apreendido na SD7, em que o sintagma *lutou judicialmente* recortado do enunciado, instaura o efeito de sentido de esforço, de empenho na disputa legal que também o inscreve na PS1. A discursividade analisada na SD2 constrói o efeito de sentido de aberração, de anomalia, de deformidade comportamental de intolerância e de anulação das diferenças sociais pela força, inscrevendo-a na PS2. Efeito semelhante pode ser observado na SD3, em que o sentido de discriminação, de intolerância e de rejeição, manifestada pelo Poder Judiciário, aos sujeitos inscritos na FD1, inscreve essa posição-sujeito como PS2. O fato de observarmos a existência de duas posições-sujeito inscritas na FD1 nos faz afirmar que essa FD é caracterizada pela heterogeneidade.

Na SD4 da FD2 o efeito de sentido de generosidade, bondade, humanidade, altruísmo, caridade e de aspiração em praticar o bem instaura a mesma positividade que o inscreve na PS1. Na SD11, os efeitos de sentido positivos de autonomia, de liberdade, de autossuficiência identificam o sujeito da SD11 à PS1.

Na SD5 da FD3 os enunciados analisados instauram o efeito de sentido de verdade, de referência, de paradigma, de regra e modelo social a ser seguido (PS1). Na

SD6 o efeito de sentido de legitimidade, de garantia, de proteção, de custódia e tutela também inscreve o sujeito na PS1. O efeito de sentido de regularidade, estabilidade e solidez, da SD10, também é positivo (PS1).

A SD14 nos traz um discurso bastante interessante de um sujeito que migra dos saberes de uma FD para outra FD. O fato desse sujeito migrar de uma FD a outra o inscreve na terceira modalidade de identificação postulada por Pêcheux. A terceira modalidade consiste em um trabalho de transformação-deslocamento da *forma-sujeito*, que decorre de um efeito de desidentificação com a *formação discursiva* com a qual, inicialmente, se identificava e sua inscrição em outra *formação discursiva*, ou seja, o sujeito anteriormente inscrito na FD6 (família informal) rompe com os saberes dessa FD, passando a se identificar com os saberes da FD3 (família matrimonial) e sua forma-sujeito.

Concluimos, assim, que a existência de posições-sujeito distintas em uma mesma *formação discursiva* (FD), a exemplo do que verificamos nas SD5 e SD10, demonstra que as FD não são espaços fechados, mas que podem ser atravessadas por discursos provenientes de outras FDs ou por posições-sujeitos antagônicas que portam diferentes saberes no âmbito da mesma FD.

Constatamos, ainda, que os sujeitos podem romper com suas FDs e se identificarem com outra FD e sua forma-sujeito, sem necessariamente criarem uma nova FD.

Por fim, este é apenas um olhar, dentre muitos, que pode ser dado ao *corpus* escolhido. esperamos ter contribuído para os estudos do discurso e que outras pesquisas surjam para tratar das questões aqui abordadas.

REFERÊNCIAS

AGUERO, Rosemere de Almeida. **Discursos, memória e fabricação/construção discursiva da identidade: os brasiguaios nos dois lados da linha**. Porto Alegre : UFRGS, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora KUKSMAO — 2 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

AZEVEDO, Jane Moreira. **A função paterna nas configurações familiares atuais**. Minas Gerais: PUC Minas, 2008

BARROS, Resende. **Direitos Humanos e Direito da Família**. In: Sérgio Resende de Barros. Disponível em :<http://www.srbarros.com.br/artigos.php?TextID=85>. Acesso em :16 nov.2015.

BRASIL. **Projeto de lei 470/2013. Dispõe sobre o Estatuto das Famílias e dá outras providências**. Disponível em <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=140057&tp=1>. Acessado em 11\02\2017.

BRITO, Fernanda de Almeida. **União afetiva entre homossexuais e seus aspectos jurídicos**. São Paulo: LTr, 2000.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes temas**. Editora saraiva, 2005.

DIAS, Maria Berenice, **Manual de Direito das Famílias**. 6.^a edição. rev. atua. e amp. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. 46a . ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos (Org.). **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: Entremeios, 2004.

GOODE, William. **Revolução Mundial e Padrões de Família**. Tradução de Leonidas Gontijo De Carvalho. São Paulo: EDUSP/ Nacional, 1969.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Editora Objetiva, Versão 1.0 5a, Novembro de 2002

LA-FLOR, Martiane Jaques. **Família plural: a união homoafetiva à luz dos direitos fundamentais**. São Paulo: trabalho TCC, 2008.

LÔBO, Paulo Luiz Netto. **O Ensino do Direito da Família no Brasil** In: WAMBIER, Tereza Arruda Alvim; LEITE, Eduardo de Oliveira (Coords.). Repertório de Doutrina sobre Direito de Família. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. São Paulo: USP, 2010.

MILANEZ, Nilton. SANTOS, Janaina de Jesus. **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares**. São Carlos ,SP: Editora Clara luz, 2009.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: Mussalin, Fernanda; Ana Cristina Bentes (org.). **Introdução à Linguística: Domínios e fronteiras**. 4ª ed. SP: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, José Sebastião. **Fundamentos Constitucionais do Direito de Família**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 12ª edição, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In.: ACHARD, Pierre (org.), **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes, 3.ed., Campinas - SP: Pontes Editores, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975)**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In.: Gadet, Françoise e Hak, Tony. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.

_____. E FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b, p.163-252.

_____. **A análise do discurso: três épocas (1983)**. In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariane *et al.* 3. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1997c, p. 311-19.

TERUYA, Marisa Tayra. **A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas**. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 12., Caxambu, 23-27 out. 2000. *Anais...* Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/TodosA%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>. Acesso em: 12 janeiro 2016.

VENOSA, Sílvio de Salvo. Direito Civil: **Direito de Família**. V. 6. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VIANNA, Roberta Carvalho. **O instituto da família e a valorização do afeto como princípio norteador das novas espécies da instituição no ordenamento jurídico brasileiro**. Santa Catarina: ESMESC, 2011 .Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=novas%20modalidades%20de%20familia&source=web&cd=8&cad=rja&ved=0CEwQFjAH&url=http://revista.esmesc.org.br/re/articloe/download/41/45&ei=QYZsUOSzL4am8QTryYGwBg&usg=AFQjCNH1SSftEzhEWE4-NQOE_qykaTdnvA>. Acesso em: 11\02\2017.

WELTER, Belmiro Pedro. MADALENO, Rolf Hansen. **Direitos Fundamentais do Direito de Família**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

Bibliografia Utilizada na Análise Discursiva

Blog Coluna limite global, São Paulo-SP-01/08/2011, Título: *Bolsonaro inicia campanha contra “kit gay”*.

Blog GAASP –*Grupo de Apoio a Adoção*, de São Paulo-escrito por Roberto de Oliveira, 2006-Título: *Homossexuais contam as alegrias e dificuldades de criar filhos*.

Blog GAASP –*Grupo de Apoio a Adoção*, de São Paulo-escrito por Roberto de Oliveira, 2006-Título: *Homossexuais contam as alegrias e dificuldades de criar filhos*.

Blog do Noticiário do *Fantástico* da TV Globo, de São Paulo -SP -23/08/2015.Título: *Duas famílias se unem pelo amor sob o mesmo teto*.

Blog uma mãe arábias -depoimento de Barbara saleh-25/04/2012 - Título: *Eramos 3! Agora somos4!*

Blog do *Samuel Malafaia* é Pastor, Professor de Teologia, Engenheiro e Deputado Estadual – RJ -09/01/2015-Título: *Entre na Luta Pela Família Tradicional*)

Do UOL, em São Paulo e São Bernardo do Campo- SP, escrita por Rodrigo Bertolotto, 29/05/2013-Título: *Filhos revelam como é crescer em lar com pais gays*.

Jornal *A gazeta*, do São Paulo-SP-26/11/2011, Título: *Não é preciso dizer “sim” para oficializar o relacionamento*.

Jornal *BBC- Brasil*, São Paulo-entrevista de Rafael Barifose, 9/04/2015-Título: *Ninguém mais pode dizer que não somos uma família*.

Revista *Crescer*, de Catanduva-SP- Janeiro 2007, p.1 Título: *Depoimentos de pais e mães homossexuais que adotaram*.

Revista *Época*, Brasília-DF-2015, Título: *Os conflitos da nova família*.

Revista *Metrópole-RAC*, de São Paulo-SP-agosto 2009, Título: *Pai Solteiro*.

Revista *Saúde plena*, Governador Valadares-MG-13/12/2015, Título: *Número de matrimônios revela transformações na sociedade brasileira*.

Revista *Vila Mulher*, Título: *Ser amante - o relato da “outra.”*

ANEXO

CORPUS

SD1) Nossa "gestação" começou no dia 3 de junho de 2005[...] Com a Theodora em casa, descobrimos que tínhamos uma centena de coisas para aprender [...] Essas atividades rotineiras, **nem eu nem o Júnior tínhamos passado.** [...] Em uma consulta com o pediatra[...]As mães adoraram ver **um pai no médico**, se preocupando com a saúde da filha [...] quando em outra consulta, **conheciam meu parceiro**, às vezes, ficavam reticentes [...] Como ela chegou com 4 anos, sabia um pouco da sua história, mas nós contamos tudo de novo. Explicamos que ela era adotiva e do amor que sentimos quando a vimos pela primeira vez [...] Nosso vínculo afetivo foi imediato. Temos agora a guarda definitiva. Na certidão, consta **o nome dos dois pais**. Mas, durante mais de um ano, tínhamos de falar com a juíza periodicamente [...]Ela disse: ‘Fala para ela obrigada, porque eu estou muito feliz’."(Revista *Crescer*, de Catanduva-SP- Janeiro 2007, p.1 Título: *Depoimentos de pais e mães homossexuais que adotaram*)..

(SD2) [...] no livro a **temática da família homossexual [...]****dois ‘barbudos’ e um menino. Duas lésbicas e uma menina**”, ironizou. Bolsonaro afirmou ainda que vai criar a “campanha faça uma fogueira na sua escola”, incentivando os alunos a queimarem o material anti-homofobia. Segundo o deputado, se o material fosse distribuído em faculdades, ele não se oporia.(Blog Coluna limite global, São Paulo-SP-01/08/2011,Titulo: Bolsonaro inicia campanha contra “kit gay”)

(SD3)[...]“**Normalmente eles omitem a orientação sexual ou sua relação com pessoa do mesmo sexo na tentativa de driblar o preconceito da Justiça**”, acredita a desembargadora Maria Berenice Dias, 57, do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, vice-presidente nacional do Instituto Brasileiro de Direito da Família.(Blog GAASP – *Grupo de Apoio a Adoção*, de São Paulo-escrito por Roberto de Oliveira,2006-Titulo: *Homossexuais contam as alegrias e dificuldades de criar filhos*)

(SD4)[...]“Fiquei me questionando se a minha presença na Terra faria alguma diferença no final de tudo. **Queria fazer algo e procurei o fórum atrás de uma criança sem a mínima condição.** Encontrei um

garotinho de cinco anos que mal sabia falar”, conta. Era Lúcio, hoje com 24 anos[...] **a pedido do próprio Lúcio, Jack voltou ao orfanato e trouxe um garoto de quatro anos**, Adriano[...] “Quando chegamos lá, ele olhou para mim e me chamou de pai” [...]“O que seria da minha vida se ele não tivesse me adotado? Estaria na Febem? Na rua? Ao lado dele, tive condições de desenvolver minha aptidão à arte, fiz inglês em Londres e sou uma pessoa feliz”, afirma Adriano, que estuda design gráfico. [...] **Jack só revelou aos filhos que é gay há dois**. “Se alguém tem algo contra mim pelo fato de meu pai ser gay essa pessoa não vai fazer falta na minha vida”, resume Adriano.(*Blog GAASP –Grupo de Apoio a Adoção*, de São Paulo-escrito por Roberto de Oliveira, 2006-Título: *Homossexuais contam as alegrias e dificuldades de criar filhos*)

(SD5) . “Não procurava reconhecimento, mas **para transitar como uma família 'normal' na sociedade você precisa ter uma postura de família 'normal'. Casar, ter filhos e assumir esse papel é algo natural, seja o casal homo ou hétero[...].** “Muita coisa mudou, mas muita coisa se mantém, como a ideia de dar visibilidade pública a uma escolha [...] Muitos casamentos ainda buscam estabilidade social e econômica, legitimidade sexual, aquisição de direito” (Revista *Saúde plena*, Governador Valadares-MG-13/12/2015, Título: *Número de matrimônios revela transformações na sociedade brasileira*)

(SD6) [...] a Justiça tarda. Levou dez anos, mas tivemos a decisão a nosso favor[...] **chamamos nossos três filhos e explicamos que agora somos não só uma família de fato, mas também por direito[...]** hoje, estamos todos muito felizes e **garantidos por lei como uma família**. (Jornal *BBC- Brasil*, São Paulo-entrevista de Rafael Barifouse,9/04/2015-Título: *Ninguém mais pode dizer que não somos uma família*)

(SD7) após a morte da mãe quando tinha quatro anos, Ana Karolina, que não foi reconhecida pelo pai biológico, **acabou adotada pelo tio, Fábio Lopes, que lutou judicialmente pela tutela da sobrinha sem esconder sua condição de homossexual e vivendo maritalmente com João[...]** (Do *UOL*, em São Paulo e São Bernardo do Campo- SP, escrita por Rodrigo Bertolotto,29/05/2013-Título: *Filhos revelam como é crescer em lar com pais gays*)

(SD8) [...] a “família está mudando” e de que, hoje em dia “é formada por diferentes núcleos de convívio[...] **estão querendo transformar a família tradicional com pai, mãe e filhos em coisa ultrapassada. Estão realizando uma paulatina desvalorização da família**[...]A família é a base de tudo, é uma instituição que deve ser fortalecida. Famílias desestruturadas significam problemas para a sociedade. (*Blog do Samuel Malafaia é Pastor, Professor de Teologia, Engenheiro e Deputado Estadual – RJ -09/01/2015-Titulo: Entre na Luta Pela Família Tradicional*)

(SD9) chegou o momento de aumentar a família[...] É uma fase diferente, outra experiência e deliciosamente encantadora[...] Kassem esta super feliz e diz a todo tempo: – **Mamãe, sua “baiga” esta “gande”, parece um ovo de “pacoa”**. (*Blog uma mãe arábias -depoimento de Barbara saleh-25/04/2012 - Titulo: Eramos 3! Agora somos4!*)

(SD10) Jair Pereira, ele treina conosco há bastante tempo e aos pouquinhos foi convencendo outras pessoas da família dele a começarem no *CrossFit* [...] cada um tem os seus objetivos diferentes. Temos como objetivo principal (o da família) a interação e cada um tem seus objetivos [...] todos estão treinando, **eu, minha esposa Juliane, meus filhos Lucas, Henrique e Giovana e o meu pai Jair**. (*Blog Crossfit Barigui - postado por Maurício Cervenka, 2010, Titulo: A família de Jair Pereira*)

(SD11) sem empecilho judicial, **homens adotam filhos sozinhos e criam um novo núcleo familiar, igualmente eficaz** [...]minha mãe sempre procurar me ajudar, mas dentro das suas limitações de idade[...] pedi para ensinaram a dar banho e a fazer a primeira troca. Resto fui tirando de letra[...]sempre tive desejo de ter uma família (*Revista Metrópole-RAC, de São Paulo-SP-agosto 2009, Titulo: Pai Solteiro*)

(SD12) [...] eu precisava de um serviço e ela de uma empregada [...] de cara gostei acho que é a sinceridade [...] **pedi a ela se podia levar meu neto, em resumo vieram mais dois para morar aqui [...] eram quatro meninos com o filho da Eliana vivem sobre o mesmo teto[...] tinha mais da Lourdes do que da nossa. Mas na verdade éramos uma família só** (*Blog do Noticiário do Fantástico da TV Globo, de São Paulo*)

-SP -23/08/2015.Título: *Duas famílias se unem pelo amor sob o mesmo teto*)

(SD13) “**não compromisso**”, **não precisar dar satisfação e mesmo assim estar acompanhada do homem que gosta**, são vantagens que elas teimam em acreditar [...] “Eu fiquei decepcionadíssima e envergonhada. Isso nunca tinha acontecido comigo e minha vontade era matá-lo” [...]. **Seis meses após a descoberta, Maria da Penha engravidou. “Eu fiquei chocada com a notícia, mas adorei.** Se ele não quisesse assumir, eu teria o filho da mesma forma, pois era meu sonho. Eu já estava com 35 anos e não podia esperar mais”, declara. Para sua surpresa, **Ricardo assumiu o menino, montou um apartamento para ela morar com a criança, que hoje tem dois anos, e paga todas as despesas da casa, escola, plano de saúde, entre outras[...] eu mando na minha casa, nos meus horários e não tenho cobranças, a não ser as minhas.** (Revista *Vila Mulher*, Título: *Ser amante - o relato da “outra”*)

(SD14) "**Decidimos fazer mais por uma questão burocrática, para que eu pudesse resolver algumas coisas em nome dele**", contou Luciane. "Foi uma forma simples e rápida de oficializar a união"[...] Nunca me preocupei em ter um papel assinado, pois sempre me considerei casada. **Já temos um filho de seis anos e o mais importante é estar juntos**"(Jornal *A gazeta*, do São Paulo-SP-26/11/2011, Título: *Não é preciso dizer "sim" para oficializar o relacionamento*)

(SD15) Confesso que achei que seria mais simples”, diz Elton. **Todos têm ciúme da caçula, em especial Felipe, que por algum tempo foi o mais novo da casa.** “Ele cria confusões para ter a minha atenção exclusiva”, diz o pai. **De dois anos para cá, a convivência entre todos [...]** “**Esse arranjo de família ainda não tem manual**”, diz. Os conservadores culpam o modelo moderno de família pela existência de conflitos. (Revista *Época*, Brasília-DF-2015, Título: *Os conflitos da nova família*)